

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

MARINA DE ARAUJO ENGRASIA RODRIGUES

**O PROFISSIONAL DO TEXTO E O CHATGPT: A RELAÇÃO  
HUMANO-MÁQUINA SOB UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA**

Porto Alegre

2023

Marina de Araujo Engrasia Rodrigues

**O PROFISSIONAL DO TEXTO E O CHATGPT: A RELAÇÃO  
HUMANO-MÁQUINA SOB UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA**

Trabalho de conclusão de curso de  
graduação apresentado ao Instituto de  
Letras da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial para  
a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Knack

Porto Alegre

2023

Marina de Araujo Engrasia Rodrigues

**O PROFISSIONAL DO TEXTO E O CHATGPT: A RELAÇÃO  
HUMANO-MÁQUINA SOB UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Knack

Porto Alegre, 6 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Luci da Costa Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

M.<sup>a</sup> Patrícia Helena Freitag  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Knack  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Para Juca e Flávio,*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, agradeço pelo tempo que compartilhamos. Mentalizo vocês comigo como se pudesse decorar nosso álbum com mais essa lembrança, numa foto de toga abraçada entre os dois. Aqui, deixo o ceticismo de lado para admitir a existência de vocês em todas as noites que deixei de dormir para realizar minha pesquisa; de sonhar um sonho maior e mais nosso: o de ser alguém apesar da vida.

À minha Grande Família, agradeço pela constância e resiliência. Dona Eva concedeu o dom do amor a todos nós, mas vocês sempre foram os especialistas no assunto. Obrigada pela sabedoria de sempre. Não há nada no mundo que eu ame mais do que vocês.

Aos meus irmãos, agradeço pelas histórias vividas e pelas inventadas também. Ainda nos transporto para a infância, em meio a sonhos, e nos vejo pequenos jogando o 64 no apartamento da Cavallhada. Vocês são os  $\frac{2}{3}$  de mim que andam pelo mundo sem jamais sair dos meus pensamentos, nunca se esqueçam disso.

Ao meu companheiro, agradeço pelo nosso dia a dia. Nosso amor desperta em mim uma vontade imensa de ser melhor e mais feliz, por ti e por todas as pessoas que nós passamos a amar em conjunto. Não há nada como ser inteira ao teu lado.

Às amizades, segundas famílias, agradeço pelos convites infinitos. Nunca foi fácil recusá-los, mas sempre que o fiz, voltei ao trabalho com mais ânsia de finalizá-lo.

Aos amigos da Letras, agradeço pela paz trazida ao percurso. De um certo ângulo, valeu a pena ter perambulado todos esses anos sem um diploma só pela oportunidade de estar me formando com vocês, aqui e agora. Que a vida siga nos concedendo "pães de queijo" e que o semestre jamais, sob hipótese alguma, "volte".

Aos colegas da Ubots, agradeço pelas oportunidades diárias de evolução pessoal e profissional. Hoje me orgulho de falar do que faço, com quem faço e onde faço. Obrigada por confiarem no meu trabalho e me apoiarem em cada etapa dessa realização.

À Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Moura da Silva, agradeço pela sugestão de transformar minha experiência em uma oficina da Semana Acadêmica. Nossa troca foi rápida, mas muito valiosa para o que venho construindo.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Knack, minha orientadora, agradeço pela bondade sempre presente durante a escrita e revisão deste trabalho. Seu apoio, expertise e disponibilidade foram cruciais para que eu desse esse passo rumo ao desconhecido.

À comunidade da UFRGS, agradeço pela oportunidade de transformação. Vivi muitas vidas durante o meu ciclo de estudos e, olhando para trás, compreendo que o meu sucesso é fruto direto dos ensinamentos que a Universidade me proporcionou. Que muitos outros possam desfrutar de um ensino público e de qualidade como o que recebi, e que ainda mais colegas encontrem o seu caminho em meio ao caos das possibilidades.

O caminho existe, mas por vezes para vê-lo, precisamos antes inventá-lo. Agradeço a todos que de uma forma ou outra contribuíram para a invenção do meu.

*“À medida que os seres artificiais se tornassem mais parecidos com a gente, depois iguais a nós, e por fim nos superassem, jamais poderíamos nos cansar deles. Estavam fadados a nos surpreender. Poderiam nos decepcionar de maneiras que estavam além de nossa imaginação. A tragédia era uma possibilidade, o tédio não.”*

(Ian McEwan)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender, sob uma perspectiva enunciativa, o papel que o profissional do texto exerce na leitura e análise de textos gerados por Inteligência Artificial Generativa, com foco na relação humano-máquina estabelecida entre o profissional do texto e o modelo de linguagem ChatGPT. A metodologia do estudo foi baseada em uma revisão bibliográfica sob o viés da Teoria da Enunciação, fundamentada nas leituras de “O aparelho formal da enunciação” e “A forma e o sentido na linguagem” de Émile Benveniste (1989). A partir da leitura destes textos, buscou-se realizar o deslocamento teórico concomitantemente à análise da cocriação de um resumo acadêmico, na estrutura de diálogo estabelecida entre a leitora-pesquisadora, no papel de profissional do texto, e a ferramenta ChatGPT. Apesar dos avanços tecnológicos recentes terem demonstrado grande potência na geração automática de textos, a articulação teórico-analítica demonstra que a expertise humana do profissional do texto ainda se mostra indispensável na criação, leitura e análise especializada de enunciados solicitados e gerados pelo ChatGPT, uma vez que a automação não abarca todas as nuances do seu processo enunciativo. Em conclusão, o estudo reitera o valor intrínseco dos profissionais do texto frente às novas tecnologias, indicando que suas competências e práticas podem necessitar de adaptações em face das progressivas evoluções tecnológicas que se anunciam.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial; ChatGPT; Profissional do texto; Teoria da Enunciação; Émile Benveniste.



## ABSTRACT

This study aims to understand, from an enunciative perspective, the central role text professionals play when engaging with Generative Artificial Intelligence outputs, with a keen focus on the interaction between these professionals and the ChatGPT language model. Our methodology is anchored on a bibliographic review, deeply influenced by the Theory of Enunciation as presented in Émile Benveniste's "The formal apparatus of enunciation" and "Form and meaning in language" (1989). Using these foundational texts, we embarked on a parallel journey of theoretical exploration and practical engagement, emphasizing the dynamic co-creation process of an academic abstract between the reader-researcher and ChatGPT. Findings indicate that, despite the capabilities of modern technology in automated text generation, the specialized skills of text professionals continue to be essential for the accurate interpretation and analysis of ChatGPT *prompts* and outputs. This highlights the facets of the enunciative process that pure automation may overlook. In conclusion, the research underscores the enduring intrinsic value of text professionals, suggesting that their roles and practices might evolve in the face of emerging technological advancements.

**Keywords:** Artificial Intelligence; ChatGPT; Text professionals; Theory of Enunciation; Émile Benveniste.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 O PROFISSIONAL DO TEXTO.....</b>	<b>15</b>
1.1 Afinal, quem é o profissional do texto?.....	15
1.2 O exemplo da Redação UX.....	17
1.3 Novas tecnologias, mesma velha história.....	18
<b>2 O CHATGPT E A “ONDA GENERATIVA”.....</b>	<b>23</b>
2.1 Inteligência Artificial.....	23
2.2 A literatura do ChatGPT.....	25
2.3 Visão crítica do cenário traçado.....	27
<b>3 O JOGO DA ENUNCIÇÃO.....</b>	<b>32</b>
3.1 O aparelho formal da enunciação: conceitos básicos.....	33
3.2 A forma e o sentido na linguagem: conceitos básicos.....	37
3.3 Síntese e encaminhamentos.....	40
<b>4 DIÁLOGO HUMANO-MÁQUINA.....</b>	<b>42</b>
4.1 Deslocamentos: teoria e análise.....	44
4.2 Horizonte do profissional do texto.....	54
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>

## INTRODUÇÃO

Até meados de 2020, não achei que fosse possível conectar minha formação em Letras e meu interesse pela área da tecnologia. Tinha a visão de que na universidade participaria de discussões sobre o futuro da língua, dos livros, da tradução e até mesmo da educação, mas jamais imaginei que direcionaria minha pesquisa para um assunto tão relevante e atual, em 2023, quanto a discussão acerca da relação entre o profissional do texto e as tecnologias de Inteligência Artificial Generativa<sup>1</sup>, como o ChatGPT, observada pelo viés da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.<sup>2</sup>

Lembro da angústia dos primeiros semestres do Bacharelado, quando me via assolada por uma falta de perspectiva na área e pelas limitações que sentia na ênfase que havia escolhido, como futura tradutora de língua inglesa. Eu me perguntava: “Afim, o que me diferencia de um tradutor automático? Existem tantas ferramentas gratuitas e profissionais bilíngues pelo mundo, tanta gente sem formação disputando trabalho...”. E por muitos anos segui sem um propósito definido, movida apenas pela paixão pelos estudos.

Acredito que por ter seguido trabalhando em atividades operacionais que em nada se assemelhavam às competências aprendidas em sala de aula, com exceção da escrita rotineira de e-mails, não me permiti pleitear um espaço entre meus pares. Foi apenas na disciplina de Teoria do Texto, ministrada no 3º semestre do curso pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Knack – hoje minha orientadora – que perspectivei um caminho de investigação para o meu propósito.

Durante sua disciplina, estudamos “o texto como objeto científico, sua organização teórica e a relação com sua exterioridade” (Knack, 2020)<sup>3</sup>. Em termos gerais, buscamos compreender o texto através de diferentes perspectivas, sempre atentos à articulação necessária entre teoria e análise. A disciplina me levou a compreender, de forma concreta, a importância da visão analítica e perspectivas teóricas que desenvolvemos, como profissionais do texto, no ciclo de disciplinas do curso de Letras. Foi partindo dessa visão que, ainda trabalhando com atendimento em um clube de livros, passei a observar quais eram as funções (para além de

---

<sup>1</sup> Compreendo que “Generativa” trata de um estrangeirismo advindo do termo original, do inglês *Generative*. Por uma questão de convencionalidade, opto por mantê-lo inalterado.

<sup>2</sup> Ao tratar da minha experiência pessoal, como leitora-pesquisadora e profissional do texto, opto por utilizar a 1ª pessoa do singular. Nas passagens teóricas, retorno ao uso da 3ª pessoa do plural como forma de aproximar o leitor da discussão, que busca promover uma construção orientada.

<sup>3</sup> Referência à ementa da disciplina de Teoria do Texto, realizada em 2020/1 durante o meu 3º semestre no curso do Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

redação de belos e-mails) onde poderia aplicar os conhecimentos analíticos que desenvolvia, em paralelo, na Universidade.

Durante o mesmo período de 2020, durante a pandemia de COVID-19, presenciei uma mudança significativa no mercado digital brasileiro. A crescente implementação de assistentes virtuais que simulavam diálogos entre humanos e sistemas através de linguagem natural, os Chatbots, foi adotada como a frente das operações de atendimento do clube de assinatura de livros em que eu trabalhava. No novo formato, apenas consultas não compreendidas pela Inteligência Artificial do sistema eram repassadas a nós, humanos do time, que ficaram responsáveis por tarefas mais complexas e menos repetitivas, no "segundo plano" da operação.

Testemunhar tal transformação na minha própria rotina de trabalho me levou a questionar de que forma os diálogos dos Chatbots eram criados e evoluídos, e, principalmente, quem eram os responsáveis por tal atividade. Então, guiada pela busca inesgotável de um propósito, e fascinada pelas áreas de estudo que me foram apresentadas, rapidamente migrei da posição de profissional que atendia os clientes através dos Chatbots, para a responsável pela criação, análise e melhoria dessas ferramentas no papel de Redatora UX<sup>4</sup>.

Em abril de 2023, anos mais tarde, tive o prazer de ministrar presencialmente a primeira oficina de *Redação UX para Chatbots: construindo diálogos entre sistemas e pessoas* da Semana Acadêmica de Letras (SAL) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O tema da SAL, “O futuro profissional de Letras: desafios para permanência e qualificação”, foi a faísca necessária para dividir com meus colegas, também estudantes do curso, o horizonte profissional que eu construía no trabalho. Assim, interseccionando as áreas da tecnologia, do design e da linguística, reuni cerca de 11 colegas para a criação de diálogos simulados entre Chatbots e humanos, mediando uma profunda reflexão sobre os papéis que nós, enquanto profissionais do texto, poderíamos vislumbrar no mercado da tecnologia.

Até a realização da oficina, minha trajetória caminhava para a construção de um trabalho relacionado às boas práticas na Redação UX, área em que atuo profissionalmente até os dias de hoje, como líder técnica. No entanto, uma nova mudança no mercado digital acabou por tomar a frente, levando a uma segunda reflexão, que pondero hoje como de maior

---

<sup>4</sup> “A Experiência do Usuário (UX) abrange todos os aspectos da interação do usuário final com a empresa, seus serviços e seus produtos.” (Nielsen-Norman Group, 2016, Tradução minha). Nos aprofundaremos no conceito de Redação UX na seção 1.2, de nome “O exemplo do Redator UX”.

relevância: O que fazer quando não somos nós que caminhamos em direção à tecnologia, mas sim a tecnologia que caminha em direção ao nosso campo de atuação?

A mudança de paradigmas que leva ao tema do presente trabalho inicia em 30 de Novembro de 2022, quando a empresa americana OpenAI realiza o lançamento de uma nova ferramenta de Inteligência Artificial chamada *ChatGPT*. O novo Chatbot, assim como os mais avançados, opera por meio de um Grande Modelo de Linguagem (ou, no inglês, Large Language Model, o LLM) baseado, *a grosso modo*, em um grande *corpus* linguístico, que permite uma interação em linguagem natural entre pessoas comuns e a tecnologia GPT. Contudo, diferente dos Chatbots de Processamento de Linguagem Natural (PLN)<sup>5</sup> que operam em bases pré-prontas de perguntas e respostas, o ChatGPT demonstrou relevância por ser construído em um formato de Inteligência Artificial Generativa, que além de consultar bases de dados, também é capaz de *gerar* conteúdos novos, adaptando sua resposta para o formato e o sentido solicitados pelo usuário.

Através do ChatGPT, novas possibilidades como a criação automatizada de textos, de receitas, revisão de códigos de programação e infinitas outras atividades criativas se tornam tangíveis com uma simples consulta pública, feita em formato de conversa. Muito além disso, através de sua tecnologia se fez possível a construção de diálogos com continuidade, uma vez que a ferramenta também é capaz de armazenar o contexto das falas, construindo conversas únicas para cada pessoa que a utiliza.

A partir de seu lançamento, surgiram discussões relevantes para refletir sobre os impactos da rápida assimilação de uma tecnologia dessa magnitude, acessível em poucos cliques a todos na internet. Dentre as discussões traçadas na presente pesquisa, uma das mais relevantes engloba o impacto que tais ferramentas geram na força de trabalho humana, especificamente naquela associada ao profissional do texto. Sabendo que muitas das atividades performadas por este profissional envolvem a redação, revisão, tradução e análise textual, e que tais atividades bebem do raciocínio, do conhecimento e da criatividade humana, é de suma importância fundamentarmos uma análise sobre o diálogo gerado na e pela relação humano-máquina entre profissional do texto e ChatGPT.

---

<sup>5</sup>O Processamento de Linguagem Natural (PLN) é uma área da Ciência da Computação que estuda a interação entre computadores e humanos por meio da linguagem natural. O objetivo do PLN é desenvolver técnicas computacionais para compreender, gerar e processar a linguagem natural humana (Ladeira, 2010).

A metodologia adotada para o presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica teórico-analítica, para a qual foram sistematicamente pesquisados e analisados trabalhos acadêmicos, artigos, livros, periódicos e outras publicações relevantes para o tema. Como base para a discussão, bebemos da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste, principal teórico da área, por meio da leitura de dois de seus manuscritos: “O aparelho formal da Enunciação” e “A forma e o sentido na linguagem”, artigos integrantes da obra “Problemas de Linguística Geral II” (Benveniste, 1989). Integrando conceitos e alinhando-os aos objetivos do trabalho, realizamos o processo de deslocamento da teoria benvenistiana descrito por Flores (2019) e Knack (2020), estabelecendo constante articulação entre teoria e empiria para produzir uma reflexão sobre o papel do profissional do texto e o ChatGPT frente ao diálogo estabelecido na criação de um resumo acadêmico.

O objetivo geral do trabalho é de, portanto, compreender, sob uma perspectiva enunciativa, o papel que o profissional do texto exerce na leitura e análise de textos gerados por IA. Como objetivos específicos, buscaremos explorar a relevância do profissional do texto nesta leitura e análise, pretendendo identificar seu papel na garantia de que forma e sentido serão aproximados para que o objetivo final da ferramenta seja atingido. Também pretendemos, mediante a pesquisa, aproximar o próprio profissional do texto das novas ferramentas, por compreender que este é um campo novo de estudo e atuação, e que a falta de conhecimento com relação à ferramenta pode vir a gerar aversão ou medo àqueles que não a compreendem. Por fim, buscaremos fundamentar uma reflexão crítica sobre as IAs Generativas, traçando possibilidades no horizonte de atuação do profissional do texto diante do avanço tecnológico posto em cena.

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos. No Capítulo 1, intitulado “O profissional do texto”, conceituaremos e contextualizaremos o profissional do texto frente às tecnologias, questionando a natureza da sua definição, exemplos e conceitos relacionados à sua ampla atuação. Trilhando uma reflexão baseada em *competências*, buscaremos compreender quais ferramentas digitais fizeram e fazem parte da rotina deste profissional, observando o efeito de eventos passados que vieram a impactar o mesmo mercado, como nos exemplos da adoção em massa dos computadores e *softwares* especializados. Para tal reflexão, articularemos contribuições de autores como Guimarães (1995), Fiorin (2016), Danielson (1985), Melo (2013), entre outros.

Já no Capítulo 2, "O ChatGPT e a Onda Generativa", traçaremos uma breve trajetória de discussão sobre os avanços tecnológicos modernos, iniciando com os realizados por Turing (1950) frente às IAs na década de 1950, até a automatização da produção criativa em massa, feita por modelos de IA Generativa como o ChatGPT até o presente ano. Mediante uma breve apresentação da área e dos conceitos pertinentes para a compreensão do funcionamento das IAs, identificaremos alguns dos mais relevantes benefícios, riscos e possibilidades apresentados pelas novas tecnologias ao profissional do texto, articulando contribuições de autores e periódicos relevantes como Copeland *et al.* (2017), Russell & Norvig (2016), Zhao, W. *et al.* (2023) e Vaswani *et al.* (2017).

No Capítulo 3, "O Jogo da Enunciação", buscaremos explorar a perspectiva teórica enunciativa de Benveniste, linguista citado em nossa metodologia, a partir da análise de dois dos seus textos: "O aparelho formal da Enunciação" e "A forma e o sentido na linguagem". O foco do capítulo estará em compreender conceitos-chave necessários para a fundamentação da relação entre locutor e alocutário que se estabelece na Enunciação, indo a encontro de aporte teórico-metodológico necessário para os estudos da linguagem. Com o auxílio de Knack (2020) e Flores (2019), almejamos provocar uma discussão acerca do deslocamento da perspectiva benvenistiana para o tema do presente trabalho, buscando mencionar deslocamentos semelhantes realizados por autoras contemporâneas da área como Nunes (2011) e Volkweis (2020).

No Capítulo 4, por fim, deslocaremos a teoria benvenistiana para o tema da pesquisa, concomitantemente à análise da cocriação de um resumo acadêmico, na estrutura de diálogo estabelecida entre a leitora-pesquisadora, no papel de profissional do texto, e o ChatGPT. O foco do capítulo estará em, a partir da rememoração de contexto e teoria discutidos, compreender o papel do profissional do texto na interação humano-máquina construída com a ferramenta ChatGPT, buscando desvendar a relevância da sua intervenção, assim como entender como a tecnologia pode vir a expandir ainda mais o horizonte deste profissional.

## 1 O PROFISSIONAL DO TEXTO

Dividido em três seções, o presente capítulo introduz conceitos importantes para o entendimento dos objetivos da pesquisa, além de realizar um breve panorama sobre suas relações. Na seção 1.1, apresentaremos os conceitos e contextos relacionados ao profissional do texto, suas perspectivas teóricas, formações, atuações e competências<sup>6</sup>. Na seção 1.2, citaremos o exemplo do Redator da Experiência do Usuário (UX) para situar uma das muitas profissões que bebem de conhecimentos multidisciplinares, caracterizadores do profissional do texto. Por fim, na seção 1.3 realizaremos uma breve retrospectiva histórica da relação do profissional do texto com suas ferramentas de trabalho, buscando compreender como este profissional acompanha os avanços tecnológicos relacionados ao seu ofício.

### 1.1 Afinal, quem é o profissional do texto?

Refletir a respeito do profissional do texto requer refletir, antes, a respeito da categoria texto. Quando Guimarães (1995, p. 65) escreve, “Há algo que todos sabemos que seja texto? Se há, para que procurar saber o que é texto? Esta necessidade é, na verdade, a atestação de que não há o que seja texto por si (evidência do objeto) ou para todos (consenso para os sujeitos)”, o autor evoca uma reflexão importante para a presente pesquisa: a singularidade do conceito de texto. Ao compreender que não há consenso em sua concepção, somos levados a pensar sobre a ampla gama de interpretações que o termo abarca.

Identificar algo como texto é mais do que uma simples observação; é a formulação de uma categoria e a atribuição de relevância a ela por algum motivo específico. Essa discussão levantada aqui através da leitura de Guimarães é especialmente relevante ao considerarmos o profissional do texto como o agente das nossas reflexões. Ele, portanto, conceitua texto com base em sua identificação com uma perspectiva teórica, adquirida pelo seu conhecimento formal, ou de forma empírica, através de sua prática.

Neste capítulo, ao falar do profissional do texto, não elegemos uma perspectiva teórica em especial, pois buscamos apresentar um panorama de sua atuação. Ao evitar restrições teórico-metodológicas, esperamos apresentar ao leitor um panorama mais inclusivo e flexível,

---

<sup>6</sup> A aplicação do termo “competência”, no presente trabalho está atrelada ao contexto de uso dentro do mercado de trabalho, equivalente à noção prática de *habilidade*.



que em suas particularidades pode servir como um ponto de partida para futuros estudos e discussões. Essa abordagem amplificada também ressalta nossa crença na importância de uma compreensão holística e interdisciplinar do profissional do texto, em um mundo onde a comunicação e a informação estão em constante evolução, dando cada vez mais flexibilidade ao seu papel.

Cada gênero discursivo, contexto de produção, circulação e público-alvo pode exigir deste profissional uma abordagem textual distinta, o que ressalta a natureza subjetiva de sua prática: não há uma única fórmula ou definição absoluta que oriente todas as suas ações, pois a própria noção de texto estará vinculada à perspectiva teórica empregada. Para tanto, pode ser necessário que esse profissional convoque, para sua efetiva atuação, diferentes perspectivas, das quais a que esta pesquisa apresenta é apenas um exemplo.<sup>7</sup>

Levando em consideração a amplitude de conceitos e práticas que envolvem a atuação deste profissional, é natural que não haja uma categorização clara de quem ele é. Seja ele um tradutor, revisor, redator ou qualquer outro especialista em linguagem escrita, o profissional do texto se encontra imerso em um universo multifacetado de possibilidades, muitas vezes não se reconhecendo como parte da sua atuação, a depender do campo em que suas competências são aplicadas, como veremos a seguir.

Dentro do campo de Letras, compreendemos que a formação do profissional do texto desfruta de uma variedade de perspectivas teóricas. Existem aqueles profissionais que se alinham a estudos como os da Linguística, Literatura, Tradução, Gramática, Escrita, Línguas Estrangeiras, além de muitos outros que a vocação oferece; de toda forma, um ponto em comum entre as trajetórias, tanto do Bacharelado quanto da Licenciatura, é o estudo do texto. Conforme comenta Fiorin (2016):

Um curso de Letras é o lugar onde se aprende a refletir sobre os fatos linguísticos e literários, analisando-os, descrevendo-os e explicando-os. A análise, a descrição e a explicação do fato linguístico não podem ser feitas de maneira empírica, mas devem pressupor reflexão crítica bem fundamentada teoricamente (Fiorin, 2016, p. 7).

Partindo desta perspectiva, a faculdade de Letras seria, para o profissional do texto, uma das trilhas disponíveis para a constituição de sua fundamentação teórica. No entanto, o interesse de qualificarmos o profissional do texto através de suas competências, e não de sua formação

---

<sup>7</sup> No segundo capítulo, intitulado “O Jogo da Enunciação”, retomaremos essa discussão a partir do viés da Enunciação, perspectiva teórica escolhida para a análise dos objetos.

específica, está justamente em definirmos sua existência também através da prática, sem ancorar nossa discussão na trajetória acadêmica por onde este profissional se constitui.

Muitos dos que atuam com e através do texto, inclusive, possuem formações diferentes da Letras, fora das ciências humanas, ou até mesmo distantes da realização de um ensino superior. Este fato reforça a importância de reconhecer o profissional do texto também por sua habilidade e experiência prática, e não apenas por sua formação acadêmica tradicional. Entre os muitos exemplos de profissões relacionadas ao texto que surgem neste cenário, encontramos o exemplo da Redação da Experiência do Usuário (UX).

## 1.2 O exemplo da Redação UX

A Redação UX, como definido habilmente pela autora Torrey Podmajersky (2019, p. 87), é o “processo de criação de palavras na experiência do usuário: títulos, botões, rótulos, instruções, descrições, notificações [...], informações de configuração, primeiro acesso e passo-a-passo que dão aos usuários a confiança necessária para seguir adiante”. Intermediando as áreas de Design, Comunicação e Letras, a Redação UX está atrelada a transformações tecnológicas recentes, como a criação de *smartphones* e outros dispositivos móveis, que necessitam de textos cada vez mais concisos, úteis e informativos.

Estando em um campo de conhecimento multidisciplinar, a Redação UX ainda não possui espaço nos formatos tradicionais de ensino, sendo ofertada como disciplina majoritariamente através de cursos livres ou de disciplinas de extensão e pós-graduação. Segundo a última edição do Raio-X dos UX Writers Brasileiros, pesquisa realizada anualmente por Martins & Pillegi (2022), 50,31% dos UX Writers entrevistados estão cursando ou já finalizaram o Ensino Superior. Desses, os cursos de nível superior que se destacam entre os respondentes são “Jornalismo”, feito por 34,45% deles; “Publicidade, propaganda e marketing”, por 23,17%; e “Letras e tradução”, feito por 16,49%; Outras formações como “Biologia, Economia, Enfermagem, Gastronomia e Nutrição”, somam 12,94%.

Reconhecemos através deste dado que em áreas relacionadas à tecnologia, principal campo de atuação do Redator UX, o profissional do texto existe como um sujeito à parte da sua formação. Outras disciplinas híbridas, como a Linguística Computacional e o Design Conversacional, que respectivamente são influenciadas por áreas como a do Design, da Ciência

da Computação e da Linguística, também constituem profissões pouco exploradas dentro da academia, em muito pela natureza da sua interseccionalidade. No entanto, muitos dos campos citados já existem no horizonte profissional de quem se aproxima do mercado de trabalho. Isso reforça a ideia de uma paisagem profissional em constante evolução, onde habilidades e práticas podem ser tão ou mais decisivas que a formação acadêmica tradicional, fazendo dos que buscam uma formação em áreas como a Letras, profissionais que possuem maior perspectiva teórica sobre sua atuação, mas não detentores exclusivos de um conhecimento ou expertise na área.

A partir destes pontos, compreendemos que, se o objetivo é refletir sobre como o profissional do texto interage com ferramentas como o ChatGPT, não será do nosso interesse delimitar, tão precocemente, a área de conhecimento ao qual este profissional está vinculado, sua formação ou perspectiva teórica. Em vez disso, vamos nos concentrar em traçar um perfil amplo, focado em suas competências e práticas, observando, a partir da próxima seção, o movimento de adoção de algumas das suas (possíveis) ferramentas de trabalho.

### **1.3 Novas tecnologias, mesma velha história**

Dentro de sua vasta atuação, o profissional do texto esteve sempre conectado às transformações tecnológicas que nós, enquanto humanidade, produzimos e vivenciamos na história. Como exemplos, podemos pensar na invenção de ferramentas como a escrita, a prensa móvel ou a máquina de escrever, dentre tantas outras que modificaram substancialmente a forma como pensamos, vivemos e trabalhamos em sociedade.

Tendo como objetivo a recente transformação que a indústria da tecnologia passa no ano de 2023, com o advento das Inteligências Artificiais Generativas e dos processadores de texto, como o ChatGPT, nos preocuparemos inicialmente em compreender a trajetória de adoção de algumas das ferramentas digitais criadas a partir da invenção do computador, máquina de processamento de dados desenvolvida na década de 1950 com o auxílio de Alan Turing - pioneiro da ciência da computação do século XX - sobre o qual nos aprofundaremos no próximo capítulo.

Antes da chegada do computador, o trabalho do profissional do texto era majoritariamente manual, sujeito a erros e atrasos que demandavam tempo e retrabalho. Para

este, também como para outros profissionais, a chegada do computador conferiu agilidade, precisão e eficiência em suas atividades. Conforme cita Danielson (1985) em seu artigo “The Writer and the Computer”, a tecnologia de processamento de texto (advinda do computador) evoluiu com a introdução de programas de computador na indústria editorial nos anos 1960, e na década de 1970, com a atuação de jornalistas no uso em atividades relacionadas à escrita. Tratando do ritmo da implementação de computadores neste mercado, Danielson comenta:

Embora a maioria dos escritores criativos ainda prefira suas máquinas de escrever manuais ou elétricas (assim como repórteres e editores faziam uma década atrás), a nova tecnologia para escritores oferece vantagens tão significativas sobre a antiga que torna sua dominação quase certa (Danielson, 1985, p. 85)<sup>8</sup>.

Abordando os benefícios dos processadores de texto, Danielson (1985) cita recursos como a quebra automática de linha, formatação de página, revisão ortográfica automatizada, diversificação de fontes, sugestões de melhoria, entre outras que antes do computador exigiam um grande esforço humano para serem realizadas. Muito além de diagnosticar mudanças, o autor levanta possibilidades acerca da convergência entre áreas como o processamento de palavras, análise de texto e a inteligência artificial, trazendo - dentro muitos questionamento sobre seu real malefício ou benefício - a projeção de que o profissional da escrita teria cada vez mais o apoio de automatizações em sua rotina.

Já, sobre o processo de adoção e análise de novas ferramentas de escrita, K. Ching *et al.* (2018, p. 3) comenta que “Um obstáculo para entender os efeitos das ferramentas de escrita é que quanto mais predominantes elas se tornam, mais transparentes - e, portanto, menos disponíveis para investigação - elas parecem ser.”<sup>9</sup>. Tal visão ilumina um paradoxo constante nas ferramentas de escrita modernas, apontando para a ideia de que quanto mais essas ferramentas se tornam predominantes pelo grande público, mais invisíveis elas são para investigação. Essa observação ressalta um desafio intrínseco na avaliação de tecnologias

---

<sup>8</sup> Tradução minha. Citação original: “Although the majority of creative writers still swear by their manual or electric typewriters (just as reporters and editors did a decade ago), the new technology for writers offers such strong advantages over the old as to make its eventual dominance almost certain.”

<sup>9</sup> Tradução minha. Citação original: “One obstacle to understanding the effects of writing tools is that the more prevalent they become, the more transparent—and therefore less available to scrutiny”.

incorporadas em nosso dia a dia, que por estarem tão entrelaçadas no processo de uso se tornam quase que imperceptíveis<sup>10</sup>.

Com foco em questionar o processo de adoção, ruptura e normalização de ferramentas digitais pelo profissional do texto, nos voltamos para uma discussão importante dentro do campo dos Estudos da Tradução, parte constituinte da formação do Bacharelado em Letras, que trata da inclusão de tradutores automáticos e outras tecnologias no dia-a-dia do profissional do texto, neste momento referido como tradutor.

No percurso histórico abarcado por Melo (2013), acompanhamos diferentes abordagens quanto à adoção das ferramentas de tradução automática (TA) pelos tradutores, com o objetivo de situar as contribuições e perspectivas que a ferramenta trouxe para a prática tradutória. A partir de sua leitura crítica, compreendemos que as ferramentas de TA se desenvolveram significativamente na década de 1980, motivadas pelo então recente desenvolvimento da Internet e pela globalização da informação, que exigiam dos tradutores uma atuação ágil em escala cada vez maior. Com a finalidade de baratear e acelerar o processo tradutório, tais ferramentas tiveram desenvolvimentos substanciais em tecnologia impulsionados pelo mercado de trabalho, que, ao financiá-las, gerou um alarme acerca da capacidade das máquinas, que prometiam a substituição do tradutor humano. Tal visão levou a uma resistência considerável por parte dos tradutores, que só veio a ser alterada a partir de uma quebra de expectativas frente à sua prática, conforme comenta Melo (2013):

Todavia, a precocidade do alarme anunciou a sua impossibilidade. Manifestou-se então uma mudança na relação estabelecida entre tradutor e TA: o que antes era uma ameaça forte converteu-se em uma espécie de robô obsoleto, infrutífero e defeituoso, um banco de dados que nada pode sem a intervenção humana (Melo, 2013, p. 88).

O que se seguiu foi uma transformação na dinâmica entre o tradutor e a TA: o que antes era percebido como uma grave ameaça, se transformou em um mecanismo de apoio ao tradutor, complementar às competências tradutórias<sup>11</sup> que o tornam relevante.

---

<sup>10</sup> A própria organização, escrita e entrega deste trabalho foi realizada de forma 100% digital. Parte do processo envolveu o Moodle da UFRGS, que a partir de 2023/1 passou a receber os trabalhos de TCC, sendo ele um ótimo exemplo de ferramenta normalizada no dia-a-dia dos estudantes como extensão da sala de aula.

<sup>11</sup> No texto de Melo (2013), o termo “competência” está diretamente relacionado à noção de “competência tradutória” estabelecida pelo PACTE, que “não é mais apenas sobre habilidades linguísticas, mas também sobre o uso habilidoso da TA” (Hurtado Albir, 2005 apud Melo, 2013, p. 98).

Outro avanço realizado nos Estudos de Tradução foi o da criação das *CAT Tools*<sup>12</sup>, ferramentas de tradução assistida, definidas por Bowker (2002, p. 60) como "software projetado especificamente para a tarefa da tradução, em vez de ferramentas destinadas a aplicações gerais (por exemplo, processadores de texto, corretores ortográficos, e-mail)". No papel de facilitadoras, tais ferramentas permitem o uso de glossários, bancos terminológicos e a escolha de gêneros textuais aplicados à tradução, tornando ainda mais especializada e agilizada a rotina do tradutor que as utiliza.

Como futuros tradutores habilitados, é comum que os estudantes do Bacharelado em Letras<sup>13</sup> utilizem, como rotina das disciplinas de tradução, uma ou mais *CAT Tools* em sua prática tradutória. A respeito da sua utilização no ensino, Wei, Z., & Bei, G. (2016) comenta:

A maioria das indústrias de tradução existentes considera a habilidade de operar ferramentas CAT com destreza como um padrão-chave no emprego. Não há dúvida de que os estudantes que se especializam em tradução precisam adquirir mais tecnologias para melhorar sua competência e atender às demandas do mercado de tradução (Wei, Z., & Bei, G, 2016, p. 856)<sup>14</sup>.

A reflexão acima destaca uma visão otimista sobre a fusão dos avanços tecnológicos com a prática tradutória. Ela enfatiza a importância de atualizar não apenas a prática tradutória, mas também o seu ensino, alinhando expectativas e usos dentro da atuação. Expandindo o tema abordado para o contexto deste trabalho, as leituras sugerem que a incorporação de ferramentas tecnológicas na rotina dos profissionais de texto reflete uma evolução em seus entendimentos práticos e impactos sociais, para além de um movimento que por natureza é iniciado pelo mercado, posteriormente sendo analisado de forma crítica pelo meio acadêmico e, por fim, normalizado pela sociedade.

Tendo delineado o contexto e o panorama geral, somos confrontados com várias perguntas que orientarão a próxima fase de nossa investigação, agora voltada para as tecnologias emergentes relacionadas às IAs Generativas, plataforma na qual a reflexão do nosso

---

<sup>12</sup> A sigla "CAT" em *CAT Tool* se refere a "Computer-Assisted Translation Tool", que pode ser traduzida como "Tradução Assistida por Computador".

<sup>13</sup> Aqui utilizamos como referência o currículo estabelecido pelo curso da UFRGS, vigente em 2023/1.

<sup>14</sup> Tradução minha. Trecho original: "Most existent translation industries regard the skill of operating CAT tools expertly as a key standard in employment. It is no doubt that students majoring in translation have to acquire more technologies to improve their competence and meet the demand of translation market" (Wei, Z., & Bei, G, 2016, p. 856).

estudo é realizada. Afinal, como podemos definir um limiar entre a evolução de ferramentas digitais como complemento cada vez mais produtivo na atuação do profissional do texto, e o desenvolvimento de sistemas que, por si só, caminham para um patamar em que o conhecimento humano é reproduzido, de forma muito aproximada, sem a intervenção humana? Seria possível identificarmos, de forma clara, as possibilidades que são colocadas frente ao profissional do texto, a partir da criação de máquinas que raciocinam e atuam tão bem quanto seres humanos?

## 2 O CHATGPT E A “ONDA GENERATIVA”

É habitual que a retomada histórica das Inteligências Artificiais (IAs) se inicie, quase como em um ritual, pela recapitulação de quem foi Alan Turing e quais foram suas contribuições para a Ciência da Computação e campos de estudo adjacentes. Antes disso, no entanto, gostaríamos de tranquilizar o leitor de que nossa discussão não pretende fornecer termos inteligíveis ou fórmulas matemáticas na contextualização das IAs, pois foca em discutir o tema com um público mais abrangente e diverso.

A definição de “humano-máquina” que utilizaremos em nossa pesquisa advém, portanto, da determinação de uma possibilidade de relação que se estabelece via língua, a partir de um diálogo construído entre homem e máquina. Dessa forma, não nos atemos aqui ao estudo de quaisquer tecnologias ou inteligências artificiais, mas sim daquelas capazes de estabelecer uma relação via língua com o homem, como no caso da ferramenta de IA Generativa ChatGPT<sup>15</sup>. Nosso objetivo com este capítulo, em suma, é compreender os avanços, riscos e considerações necessárias para uma compreensão conceitual do ChatGPT, a fim de estabelecermos uma visão crítica de como essa ferramenta afeta, contextualmente, o profissional do texto<sup>16</sup>.

### 2.1 Inteligência Artificial

Em 1936, Alan M. Turing fundamenta o que hoje conhecemos como a Ciência da Computação ao revolucionar a compreensão sobre o potencial das máquinas em processar informações, dando pistas do que viria a ser o computador moderno com a criação da “Máquina de Turing”. A máquina em si não era real, mas sim a ideia de um aparelho que poderia ser programado para executar qualquer tarefa capaz de ser descrita logicamente. Sua abordagem demonstrou, portanto, que o mais complexo dos cálculos matemáticos poderia vir a ser solucionado por uma máquina, sozinha. (Copeland *et al.*, 2017)

---

<sup>15</sup> Em agosto de 2023, o ChatGPT encontra-se disponível de forma gratuita em sua versão 3.5 para fins de uso pessoal. É possível acessá-lo diretamente no site da OpenAI mediante cadastro: <https://chat.openai.com/auth/login>. Seu acesso está sujeito aos termos e condições estabelecidos pela OpenAI. O aviso informa, “O ChatGPT pode produzir informações imprecisas sobre pessoas, lugares ou fatos. Versão atualizada em 3 de Agosto.” (OpenAI, 2023, Traduções minhas).

<sup>16</sup> Considerando o foco deste trabalho, realizado para a comunidade acadêmica de Letras, e a complexidade técnica do estudo das IAs, recomendamos a consulta das referências para maior aprofundamento.



Em 1950, Turing publicou seu artigo de maior relevância intitulado "Máquinas Computacionais e Inteligência"<sup>17</sup>, no qual apresentou a famosa questão: "As máquinas podem pensar?". Neste trabalho, Turing introduz o conceito do *Teste de Turing*, uma maneira de avaliar a capacidade de uma máquina de se passar por um ser humano. No teste, um interrogador C avaliaria um diálogo em linguagem natural<sup>18</sup> entre duas entidades ocultas, chamadas respectivamente de A e B. Essas entidades poderiam ser tanto um ser humano como uma máquina, estando separadas fisicamente do interrogador para que o mesmo não pudesse as distinguir, e interagindo com elas apenas por texto. O objetivo do interrogador, neste cenário, seria o de determinar, a partir de perguntas e respostas trocadas com as entidades, qual delas era humana e qual delas era máquina. Caso o interrogador não conseguisse distinguir a máquina do humano, a máquina então passaria no teste (Turing, 1950).

O Teste de Turing, muito além de um experimento científico sobre a capacidade das máquinas de imitarem nosso comportamento, aborda reflexões sobre linguagem, cognição e a natureza da própria inteligência. Quando Turing o propõe, acaba por abrir possibilidades de exploração dos fatores que distinguem humanos e máquinas: o que nos torna criativos, empáticos, inteligentes, e os gatilhos utilizados em nossa tomada de decisões. Essa visão expande o propósito das máquinas de realizarem tarefas que envolvem, para além de cálculos matemáticos, processos semelhantes à construção de um pensamento.

No panorama das inovações científicas do último século, a IA desponta como uma das vertentes mais relevantes, responsável não só por tecnologias que perpassam nosso trabalho, mas que interagem com nosso dia-a-dia. Na literatura científica, temos diferentes abordagens dadas à essa área, a depender da sua aplicação, perspectiva teórica ou área de estudo relacionada. A definição ampla dada por Stuart Russell e Peter Norvig, pioneiros neste campo, define a IA como "o estudo de agentes que recebem percepções do ambiente e executam ações" (Russell & Norvig, 2016). Como exemplos de aplicações destes agentes podemos pensar em assistentes virtuais de texto, como os Chatbots, programas de reconhecimento facial e de fala, caixas de e-mails que identificam e-mails indesejados (*Spam*), indicações de filmes em serviços de *streaming*, anúncios segmentados em redes sociais, entre tantos outros que funcionam a partir de IAs, mas não são reconhecidos por tal.

---

<sup>17</sup> Tradução minha. Nome original do artigo: "Computing Machinery and Intelligence".

<sup>18</sup> O termo se refere à linguagem utilizada na comunicação cotidiana entre seres humanos, em todas as suas línguas e dialetos.

## 2.2 A literatura do ChatGPT

É comum que, buscando se afastar da discussão técnica que acontece dentro dos espaços envolvidos com o desenvolvimento de tais tecnologias, muitos recorram à ficção para exemplificar o que são IAs, como e porquê elas operam. Não é à toa que na grande maioria das pesquisas, leituras e eventos consultados, encontramos especialistas referenciando obras icônicas da ficção científica como *Blade Runner*, *O Exterminador do Futuro* ou *Black Mirror*, na tentativa de situar nosso lugar diante da evolução tecnológica. Entendemos que esse movimento acontece como forma de aproximar o grande público de forma lúdica, público esse cada vez mais interessado no funcionamento das IAs, em uma área repleta de conceitos complexos e de estrangeirismos.

Aqui tomaremos emprestado do mesmo artifício para a realização de uma analogia importante, envolvendo o conto *O homem bicentenário*, de Isaac Asimov, originalmente publicado em 1976, com o paradigma observado entre as Inteligências Artificiais e as Inteligências Artificiais Generativas, como no caso do ChatGPT.

Andrew, o personagem principal da obra de Asimov (1976), é um robô doméstico, projetado para realizar tarefas rotineiras para a família Martin. Após descobrir que possui um talento para o artesanato em madeira, Andrew começa a manifestar características singulares, recebendo grande reconhecimento por suas notáveis habilidades e personalidade. Apesar do reconhecimento de seu talento e fácil adaptação às dinâmicas hierárquicas entre humanos e máquinas, Andrew ganha uma crescente consciência de si mesmo, algo atípico para os robôs da sua geração. A partir disso, inicia uma profunda jornada em busca de autonomia, direitos legais e modificações corporais, que culminam na realização do seu principal objetivo: ser reconhecido, viver e morrer como um ser humano.

Assim como o robô Andrew, os modelos de Processamento de Linguagem Natural que existiam até 2017 eram projetados para tarefas simples, como identificar a próxima palavra em uma sentença, responder perguntas ou categorizar textos. No entanto, suas aplicações sempre foram restritas à execução de ações previamente definidas, nunca se aventurando em tarefas que não estivessem explicitamente delineadas em seu "manual". No entanto, à medida que a tecnologia evoluiu, assim como no caso da transformação de Andrew, a capacidade destes sistemas de processar e devolver informações também foi aumentada, trazendo um elemento de “improvisação” à sua atuação. É como se, para além de reproduzir padrões, um sistema

participasse ativamente da construção de suas respostas, reconhecendo, combinando dados e contextos de aplicação, para fornecer resultados praticamente indistinguíveis de resposta de um ser humano.

Analogias à parte, é necessário reiterar desde já que, apesar do espantoso desempenho demonstrado nos últimos anos, estes sistemas não chegaram a ganhar vida como Asimov escreveu, ou Turing sonhou. Conforme destacado por Lee (2019), embora sejam automatizadas, essas máquinas ainda não alcançaram sua autonomia.

Em linhas gerais, o movimento ilustrado foi iniciado a partir da publicação do artigo "Atenção é Tudo o que Você Precisa"<sup>19</sup>. Nele, os autores Vaswani *et al.* (2017) introduzem a arquitetura dos algoritmos *Transformers*, que hoje servem como alicerce para o desenvolvimento de Grandes Modelos de Linguagem (LLMs)<sup>20</sup> como o ChatGPT da OpenAI, o Bard da Google, entre outros geradores de texto. De forma simplificada, estes sistemas se tornaram capazes não apenas de processar, mas de “ler” sequências de dados, reconhecendo padrões, prevendo usos comuns e *gerando* significado a partir deles (Vaswani *et al.*, 2017).

Conforme introduz o estudo publicado em março de 2023 pelo Instituto de Inteligência Artificial Centrada no Ser Humano (HAI) da Universidade de Stanford:

A atual onda de IA Generativa é um subconjunto da Inteligência Artificial que, baseada em um estímulo textual, gera conteúdo inédito. O ChatGPT pode escrever um ensaio, o Midjourney pode criar belas ilustrações, ou o MusicLM pode compor um jingle. A maioria das IAs Generativas modernas é alimentada por modelos fundamentais, ou modelos de IA treinados em dados abrangentes usando autossupervisão em grande escala, que depois são adaptados para uma ampla gama de tarefas derivadas (Stanford University. p. 3, 2023)<sup>21</sup>.

Da ampla gama de tecnologias oferecidas pela onda generativa, focaremos em compreender o conceito e aplicação do ChatGPT, ferramenta de IA Generativa popularizada mundialmente ao final de 2022, atraindo um grande número de usuários curiosos que buscavam compreender o real benefício de uma tecnologia deste calibre. De acordo com o artigo de

<sup>19</sup> Tradução minha. Nome original: “Attention is All You Need”.

<sup>20</sup> Modelos de linguagem natural que contêm “centenas de bilhões (ou mais) de parâmetros, que são treinados em enormes conjuntos de dados textuais” para entender e gerar texto de maneira coerente e, em alguns casos, realizar tarefas especializadas. (Zhao, W. *et al.*, 2023)

<sup>21</sup> Tradução minha. Trecho original: “The current wave of generative AI is a subset of artificial intelligence that, based on a textual prompt, generates novel content. ChatGPT might write an essay, Midjourney could create beautiful illustrations, or MusicLM could compose a jingle. Most modern generative AI is powered by foundation models, or AI models trained on broad data using self-supervision at scale, then adapted to a wide range of downstream tasks.”

Andrew Chow, publicado no portal online da revista TIME, o ChatGPT conquistou uma notoriedade impressionante em um curto espaço de tempo, superando até mesmo o ritmo de adoção de renomadas plataformas de mídia social, como *Tik Tok* e *Instagram*. Segundo dados da Similarweb, também presentes na matéria, apenas dois meses após seu lançamento, realizado em 30 de novembro, o ChatGPT já contabilizava 100 milhões de usuários ativos por mês (Chow, 2023).

Muito além de responder perguntas, a ferramenta desenvolvida pela empresa americana OpenAI é capaz de gerar textos de todos os gêneros e perspectivas, traduzir idiomas, revisar códigos de programação e realizar todo o tipo de solicitação criativa, sendo acionada a partir de comandos simples em linguagem corrente. O formato simplificado de uso, que simula um diálogo, levanta diversos pontos de atenção acerca da relação humano-máquina que, apenas no tempo recente, passa a caminhar em direção ao que Turing (1950) havia pensado sobre uma consciência artificial.

De uma perspectiva linguística, podemos afirmar que o ChatGPT representa um avanço significativo na incorporação de *sentido* dentro da relação humano-máquina, afinal sua arquitetura busca, de maneira rudimentar, simular a arquitetura de um cérebro humano. No entanto, como toda inovação tecnológica, a IA apresenta suas limitações e riscos, estando ainda no início do seu ciclo de desenvolvimento.

### **2.3 Visão crítica do cenário traçado**

Com a rápida proliferação de plataformas baseadas em IA, em nossa investigação exemplificada pelo ChatGPT, tornou-se evidente a necessidade de uma abordagem regulamentar criteriosa para assegurar o bem-estar de quem utiliza essas tecnologias, muitas vezes sem compreender suas limitações ou boas práticas. Este ponto, que normalmente envolve debates sobre segurança de dados, pode também se estender a dilemas mais profundos da esfera social: o sistema, que hoje é público, trouxe à tona inquietações quanto ao mercado de trabalho, à veiculação de informações falsas e até mesmo, em casos mais extremos, à exibição de comportamentos enviesados e preconceituosos.

De acordo com o estudo de Brown, T. B. *et al.* (2021), uma das maiores limitações da ferramenta diz respeito à base de dados utilizada na formulação de suas respostas, que data setembro de 2021, por conta do alto custo e trabalho no processamento dos dados. Isso significa

que a ferramenta pode não compreender interações que se relacionem com o contexto atual, para além de ter uma visão histórica distorcida da que nós, hoje, em nosso *corpus*, temos. Além disso, como o modelo foi treinado por um vasto conjunto de dados disponíveis na internet, pouco se sabe sobre os vieses e preconceitos presentes em suas respostas, ponto que em diferentes outros produtos de inteligência artificial também se mostra um problema.

Outro fator limitante, advertido pela própria OpenAI na página inicial do ChatGPT, é a falta de compromisso com a verificação de fontes de dados. Portanto, é comum que informações falsas, referências inexistentes e obras sejam utilizadas na geração de novos textos, levantando diversas questões éticas relacionadas ao compartilhamento de informações imprecisas. Além disso, há uma preocupação com a ausência de direitos autorais no conteúdo que é remodelado e compartilhado na plataforma, discussão contemporânea ao trabalho.

Ao explorar o impacto da transformação do mercado de trabalho sobre o profissional do texto, é fundamental considerar o estudo “GPTs são GPTs: Uma primeira análise do impacto no mercado de trabalho potencial dos grandes modelos de linguagem”<sup>22</sup>. Desenvolvido em parceria entre pesquisadores da OpenAI e da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, os resultados da pesquisa indicam que modelos de linguagem avançados, como o GPT, poderiam redefinir de forma expressiva a economia americana. De acordo com os dados coletados, cerca de 80% dos trabalhadores americanos enfrentariam uma alteração em ao menos 10% de suas tarefas devido à ascensão dos LLMs. Mais surpreendente ainda, quase 19% desses profissionais poderiam ver mais da metade de suas atividades diárias sendo impactadas com a mudança em um curto período de tempo (Eloundou *et al.*, 2023).

Na esfera governamental americana, outro cenário de amplo envolvimento com estas questões, a administração vinculada à presidência dos Estados Unidos da América (EUA), publicou em maio de 2023 uma declaração ressaltando a importância de uma inovação responsável em áreas relacionadas à Inteligência Artificial. O comunicado, feito em publicação oficial da Casa Branca, teve como principal objetivo o compromisso de garantir que a tecnologia das IAs beneficie efetivamente a vida dos cidadãos americanos, ao mesmo tempo em que busca mitigar riscos associados ao desenvolvimento acelerado da tecnologia. Este encontro faz parte de um esforço mais amplo que se estabelece entre empresas, instituições

---

<sup>22</sup> Tradução minha. Nome original: “GPTs are GPTs: An Early Look at the Labor Market Impact Potential of Large Language Models.”

governamentais e sociedade civil, que buscam desacelerar o impacto que sistemas como o GPT podem causar.

Para ilustrar a forma como as tecnologias de IA vêm sendo recebidas pelo grande público, recorreremos ao “Gartner Hype Cycle para Inteligência Artificial 2022”, modelo que descreve a maturidade, adoção e aceitação social de novas tecnologias ao longo do tempo. Conforme se observa na imagem abaixo, o gráfico expõe uma curva que contém alguns dos produtos mais relevantes de IA do ano de 2022. Mediado pelos eixos do Tempo (X) e das Expectativas (Y), o estudo da Figura 1 se preocupa em captar, anualmente, o momento dos produtos de tecnologia, desde a “inflação de expectativas”, que ocorre muitas vezes ainda durante o período de desenvolvimento, até o seu platô, quando o mesmo atinge uma “produtividade estável” (Gartner, 2022):

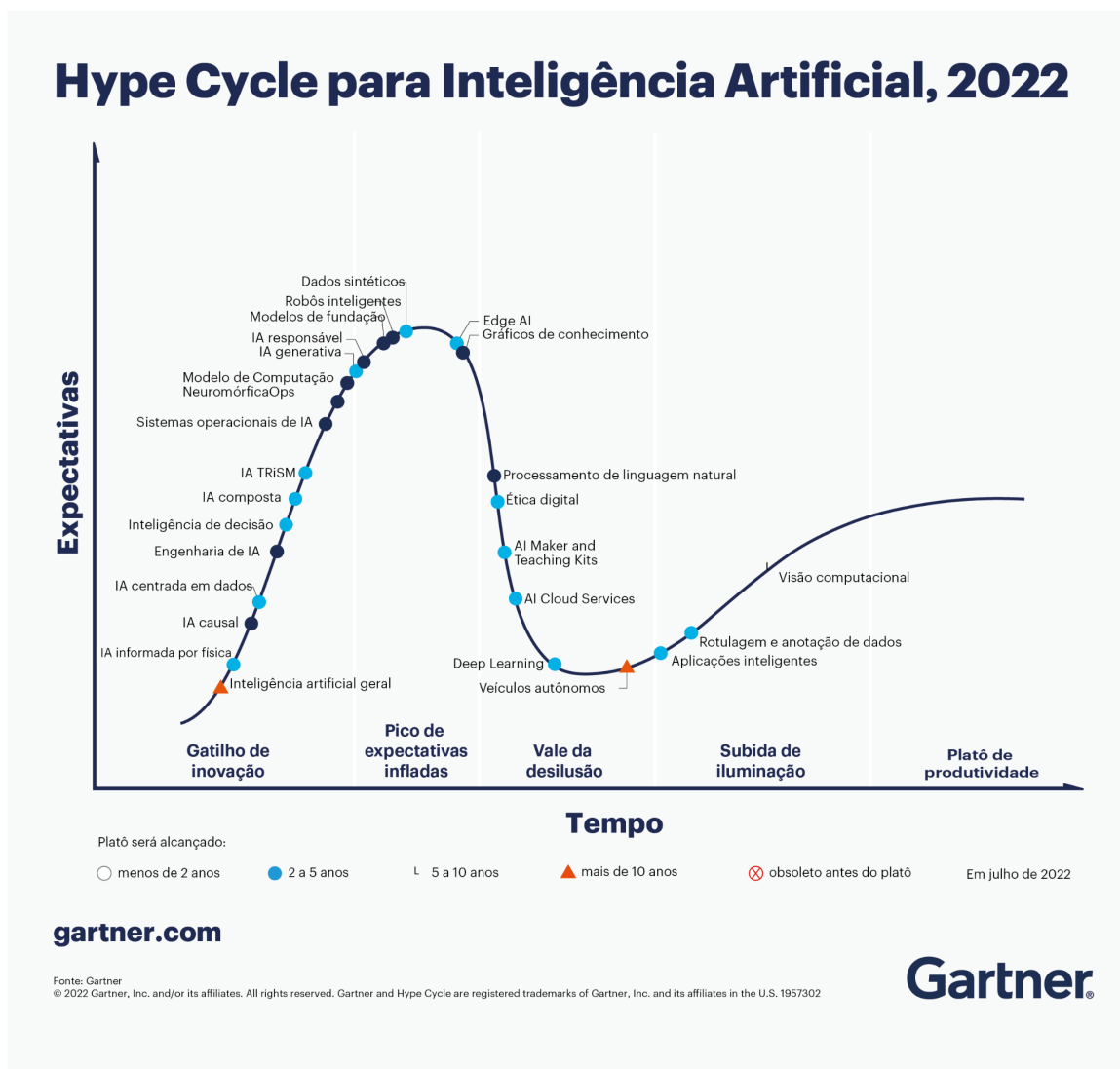


Figura 1 – Gartner Hype Cycle para Inteligência Artificial, 2022. Fonte: Gartner (2022).

Quando olhamos para o papel que a IA Generativa assume dentro do ciclo previsto pela consultoria Gartner, percebemos que a tecnologia ainda se encontra no “pico de expectativas infladas”, com uma previsão de platô para acontecer entre 2 e 5 anos, por volta do ano de 2027. No entanto, ao frequentarmos círculos de debate com empresas e especialistas que trabalham com este tipo de tecnologia, na prática, compreendemos que as previsões jamais dão conta de abarcar em um período tão curto de desenvolvimento, qualquer previsão acerca dos produtos e serviços criados. O que existe hoje, recorrentemente, são *possibilidades*.

Em minha atuação como UX Writer de Chatbots, tive a oportunidade de participar da 9ª edição do evento *SuperBots Experience 2023*, um dos principais seminários brasileiros dedicados ao mercado de assistentes virtuais e Inteligência Artificial, que ocorreu entre os dias

01 e 02 de Agosto de 2023. O encontro, realizado no World Trade Center (WTC), em São Paulo, serviu como um epicentro para que CEOs, diretores e profissionais dedicados da área pudessem alinhar expectativas sobre a evolução das IAs Generativas, em um momento que passa a ficar conhecido como a *Onda Generativa*.

De forma geral, no evento foram realizados debates e exposições acerca dos objetivos das IAs hoje, que em muito se relacionam com a ampliação das capacidades humanas, automatização de tarefas e personalização de serviços. No evento, foi interessante perceber que, por ainda estarmos na etapa de expectativas, as soluções propostas pelas empresas variaram drasticamente, tendo como único denominador comum o uso de IAs para a melhoria de produtos digitais de atendimento.

Cito um exemplo concreto de um desses produtos para ilustrar meu ponto de vista. Trata-se de um produto digital que utiliza a IA Generativa para resumir diálogos entre assistentes virtuais e clientes antes de direcioná-los a um atendente humano. Em termos simples, o sistema analisa toda a conversa, desde o primeiro "Oi" até o encerramento do diálogo, e com base nessa análise condensa o atendimento em um único parágrafo. Esse resumo é apresentado pouco antes do início da conversa com o atendente humano, e embora essas soluções possam parecer simples em comparação com as diversas possibilidades emergentes no mercado, sua eficácia em economizar tempo e aprimorar a qualidade das respostas, incluindo as respostas humanas, é amplamente debatida no mercado de tecnologia.

O fato é que a grande maioria das ficções científicas citadas como referência para o assunto, assim como a da analogia fornecida, possuem, para além da tecnologia, um tema comum: o fim da humanidade. Precisamos considerar que, de certa forma, o alarme citado por Melo (2013) com relação às tecnologias que circundam a atuação do tradutor, e o pico de expectativa citado pela agência Gartner (2022), são formas de compreendermos que, apesar de revolucionárias, as ferramentas aqui citadas existem dentro de um sistema que tende a repetidamente exagerá-las como forma de aceleração de mercado, e que não é do nosso intuito ecoar preocupações que não possam ser aplicadas no desenvolvimento da pesquisa em questão, que é multidisciplinar, mas pretende sempre retomar o profissional do texto como ponto chave.



### 3 O JOGO DA ENUNCIÇÃO

A obra de Émile Benveniste (1902-1976), linguista francês de renome, introduziu novas perspectivas que revolucionaram a linguística no século XX. Em vista da amplitude de sua obra, abordaremos neste trabalho apenas um recorte, que considera sua teorização e suas análises sobre a enunciação e as relações de forma e sentido na linguagem. Levando a discussão para o que hoje conhecemos como a Teoria da Enunciação, Benveniste, por meio de suas publicações, enxergou a linguagem como um sofisticado sistema de signos que não apenas comunica, mas também configura um meio essencial para a existência humana. Tal abordagem enfatizou a relação intrínseca entre linguagem e homem, consolidando Benveniste como uma referência cada vez mais primordial nos estudos da linguagem.

No presente capítulo, trataremos de dois dos seus mais relevantes textos, com o intuito de estabelecer uma base teórica que possamos deslocar para a fundamentação da atuação do profissional do texto no cenário traçado no presente trabalho, na e pela sua relação com o locutário e com o mundo. Trata-se dos artigos “O aparelho formal da enunciação” e “A forma e o sentido na linguagem”. Ambos os textos fazem parte da coletânea publicada em Problemas de linguística geral II (Benveniste, 1989), tendo cada um em seu próprio universo, contribuições ricas para o entendimento e a perspectivação da teoria benvenistiana.

O artigo “O aparelho formal da enunciação” trata de abordar a questão da enunciação na linguagem, oferecendo uma análise teórica sobre as condições de uso das formas linguísticas e sua importância na expressão de uma relação entre locutor e locutário no mundo. A partir de sua leitura, e acompanhados das sínteses e análises fornecidas por Flores (2019), buscaremos um melhor entendimento dos conceitos básicos e de um modo de análise enunciativa que será aplicado no Capítulo 4.

Com o mesmo objetivo, mas ao seu modo, “A forma e o sentido na linguagem” elucida uma perspectiva sobre como a língua se organiza em dois modos, semiótico e semântico, para produzir significação. Aqui, consolidaremos outra série de conceitos de forma e sentido, dessa vez voltados para o processo de sintagmatização que ocorre na linguagem, e que se assemelha em muito à forma como a linguagem é arquitetada e aplicada em Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) como o ChatGPT. Como fechamento do capítulo, realizaremos uma síntese

da teoria abordada, acrescentando a visão de deslocamento fomentada por outros autores como Knack (2020), Nunes (2011) e Volkweis (2020).

### 3.1 O aparelho formal da enunciação: conceitos básicos

“O aparelho formal da enunciação” opera como uma das obras fundadoras da leitura que institui o que se nomeou Teoria da Enunciação. No entanto, uma contribuição notável que antecede o debate a respeito da Teoria, e que vai ao encontro de uma interpretação mais estruturada da obra de Benveniste, parte de Flores (2019). Em seu capítulo intitulado *Teoria da Enunciação*, integrante do “Manual de linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação” (2019), Flores dissecou a construção de “O aparelho formal da enunciação”, analisando de que forma a obra condensa muitas das discussões realizadas por Benveniste ao longo do tempo, que culminam no desenvolvimento de uma Teoria Enunciativa.

Como discussão inicial, Flores traz luz à ausência de um método da análise enunciativa desenvolvido por Benveniste, estabelecendo que “Em cada texto em que Benveniste aborda a enunciação, encontramos possibilidades diferentes de encaminhamento metodológico.” (Flores, 2019, p. 145). A visão de Flores, nesta passagem, elucida as diferentes concepções de “enunciação” que encontramos em Benveniste, apresentadas no presente trabalho sob o viés das “especificidades conceituais e terminológicas de cada texto” (Flores, 2019, p. 145), de forma a considerar as flutuações conceituais e diacrônicas de cada publicação como complementares à pesquisa construída.

Em “O aparelho formal da enunciação”, conforme exemplifica Flores (2019), o termo “enunciação” é definido por Benveniste em dois momentos diferentes. Primeiro, Benveniste concebe que “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989, p. 82), definição mais conhecida do termo. No entanto, e ainda durante a escrita de “O aparelho”, Benveniste complementa a definição com a visão de que “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*” (Benveniste, 1989, p. 87, grifos do autor). Tratando das duas concepções de “enunciação” apresentadas, Flores afirma:

Observe-se que não são aspectos que se opõem, mas também não são inteiramente sinônimos. Dizer que a enunciação é *um ato individual de utilização da língua* não é o

mesmo que dizer que a enunciação é uma *relação discursiva com o parceiro*. No primeiro caso, a ênfase da definição recai sobre o locutor; no segundo, sobre os interlocutores (Flores, 2019, p. 148).

Partindo dessa análise, de nuances que separam uma concepção da outra, passamos a ter maior clareza sobre o objetivo fundamental do texto “O aparelho formal da enunciação”: o de discutir a “enunciação”. Em suma, através da leitura de Benveniste é possível aferir que a enunciação se refere ao ato de produzir um discurso, considerando não apenas o conteúdo linguístico, mas todo o contexto envolvido - quem fala, para quem fala, quando e onde fala. De outra forma, o conceito de “enunciado” trata, em Benveniste (1989), da declaração ou sentença produzida, sendo ele o resultado do ato enunciativo; o objeto final. Traçar diferenças entre termos e concepções, ainda mais tratando de termos que tão frequentemente são mal interpretados, como “enunciação” e “enunciado”, será um exercício importante de ser realizado nas páginas que seguem.

A partir do texto analisado, Benveniste (1989) propõe uma abordagem que parte da listagem de três frentes focadas em aspectos elucidativos da enunciação: a realização vocal da língua, a conversão da língua em discurso e o quadro formal de realização da enunciação. Dentre estes aspectos o único a ser explorado, de fato, dentro do texto “O aparelho formal da enunciação”, é o terceiro. É interessante compreendermos, neste momento, o reconhecimento de uma sistematização da produção de Benveniste dentro do próprio texto, que apesar de não se assemelhar a um manual de como o estudo da enunciação pode vir a ser realizado, se torna, como denota Flores, um “caminho metodológico para a análise da enunciação”, que considera “primeiro descrever o ato, após, a situação em que esse ato se dá e, finalmente, os recursos linguísticos, os instrumentos, que permitem realizar o ato” (Flores, 2019, p. 156).

A concepção de “caminho metodológico” dada por Flores (2019) a partir da leitura de Benveniste (1989) será melhor explorada no Capítulo 4, em meio ao deslocamento teórico realizado para nossa análise, como meio para a perspectiva enunciativa proposta em nossa pesquisa. Neste momento, nos atemos às definições de cada uma das noções dadas através da leitura examinada, (ato, situação e instrumento) que constituem o *quadro formal da enunciação*, objeto de estudo do presente texto, que serão posteriormente lembradas e aprofundadas com o apoio do contexto do profissional do texto na e pela relação com as IAs.

Assim, iniciamos os estudos do quadro formal da enunciação pela noção de “ato”, que segundo Benveniste (1989), diz respeito à ação de produção do enunciado. A “situação”, por

sua vez, pode ser lida em Benveniste (1989) como o contexto específico de uma enunciação; o emprego da língua em uma “certa relação com o mundo” (Benveniste, 1989, p. 84). Segundo Flores (2019), esse tema traz à tona a questão da *referência*, que é de suma importância para a enunciação, pois introduz o fundamento de que a referência “não está dada no mundo, mas é construída na enunciação”, e que o seu sentido é feito e refeito a partir de interação mútua entre locutor e alocutário, que ocorre em coordenadas que em sua especificidade envolvem “tempo, espaço e pessoa” (Flores, 2019, p. 157).

Por fim, temos o aspecto de realização da enunciação ligado aos “instrumentos”, que não se limitando à linguagem verbal, abrangem também uma ampla gama de signos e símbolos, como gestos, tons de voz, expressões faciais e o canal de comunicação utilizado (oral, escrito, digital, etc.). Quando Benveniste escreve:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro (Benveniste, 1989, p. 84).

O autor trata do processo de apropriação, em seu texto, como uma construção do sentido. “Ou seja, o locutor constrói um aparelho formal de enunciação, que é linguístico, a cada vez que enuncia, com base no aparelho formal da língua” (Flores, 2019, p. 158). O segundo ponto, conforme reconta Flores (2019), trata da questão acerca dos índices específicos e dos procedimentos acessórios.

No texto analisado, os índices específicos citados por Benveniste envolvem “os índices de pessoa (eu-tu), os índices de ostensão de espaço (este, aqui) e as formas temporais (do presente da enunciação)” (Flores, 2019, p. 159), enquanto os *procedimentos acessórios* são tidos como “todos os mecanismos que o locutor utiliza para construir a referência de seu discurso” (Flores, 2019, p. 159). Essa perspectiva deriva, dentre muitas reflexões, da visão de que nos interessa, ao realizar uma análise enunciativa, um foco maior no ato de enunciar do que no conteúdo enunciado, buscando compreender os mecanismos utilizados no ato onde estão implicados locutor e alocutário (Flores, 2019).

Outro ponto relevante para o presente estudo é o conceito de “relação discursiva com o parceiro”. Conforme citado na abertura de nossa análise, uma das definições dadas para “enunciação” perpassa a “*acentuação da relação discursiva com o parceiro*” (Benveniste,

1989, p. 87, grifos do autor). A partir dela, Benveniste (1989) reconhece que a enunciação não é uma relação unilateral, na qual o ouvinte (e acrescentamos o leitor) age como receptor passivo; o ouvinte (leitor) é coparticipante ativo no processo. Assim, o parceiro contribui para a construção do sentido, e a relação entre falante (escrevente) e ouvinte (leitor) se torna dinâmica, com ambos influenciando e sendo influenciados um pelo outro.

No texto, Benveniste esboça um *quadro figurativo na linguagem*, representado pelas figuras do locutor e do alocutário. Segundo o autor, “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação” (Benveniste, 1989, p. 84), posicionamento que coloca o locutor em um papel de suma importância no ato enunciativo, pois ele não atua apenas como o emissor, mas também como o ponto de origem que dá vida e contexto ao enunciado. Ainda assim, a figura do locutor para Benveniste não se sustenta isoladamente, requerendo portanto a relação com um outro, o alocutário. Como observa o autor:

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (Benveniste, 1989, p. 83-84).

Retomando a introdução feita por Flores em seu texto, indicando que “Em linhas gerais, o que caracteriza a teoria da linguagem de Benveniste é uma espécie de tríade epistemológica que funda uma antropologia da linguagem: homem, linguagem e cultura.” (Flores, 2019, p. 150), compreendemos que o sentido do enunciado é construído a partir da perspectiva do locutor – suas experiências e do momento sociocultural que vive – mas em relação com o outro, o alocutário. Essa interpretação engloba, para além do conceito de ato, o conceito de “situação” citado anteriormente. Se relacionarmos essa questão à perspectiva de Benveniste, que introduz o conceito de “eu” e “tu” no discurso salientando a natureza da linguagem, temos que:

A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (Benveniste, 1989, p. 84).

Dessa forma, quando alguém usa o termo "eu", está se posicionando no ato como o locutor, enquanto o "tu" estabelece o papel de interlocutor. Esta relação é dinâmica e muda

conforme a conversa se desenrola. Assim, a enunciação está sempre ancorada em um contexto e envolve um “eu” que fala a um “tu”. Esses pronomes, em sua essência, são vazios, adquirindo significado apenas no ato da enunciação.

Mesmo quando um discurso parece monológico, como um monólogo interior de um personagem literário, sempre há um interlocutor implícito, um "tu" ausente ao qual o "eu" se dirige. Esta estrutura de diálogo é central no quadro figurativo da enunciação, pois traça o ambiente pela relação mútua que se constrói entre o locutor e o interlocutor. A estrutura do diálogo, nessa perspectiva, se torna mais do que uma mera troca de palavras, chegando a um espaço de negociação; um campo onde o sentido é coconstruído e onde a identidade do locutor e do interlocutor é constantemente reformulada, e a cada movimento busca uma resposta (Benveniste, 1989).

Ao final do artigo, quando Benveniste (1989) afirma que “Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação”, encontramos um apoio para, no capítulo 4, pensarmos sobre como a leitura pode ser considerada um ato de enunciação, pois entendemos que o profissional do texto realiza uma leitura especializada do seu objeto, o texto. Em suma, a perspectiva benvenistiana apresentada em “O aparelho formal da enunciação” ressalta a indissociabilidade entre a estrutura linguística e a função social da linguagem, demonstrando o papel vital da enunciação na criação e manutenção de conexões humanas.

### **3.2 A forma e o sentido na linguagem: conceitos básicos**

A partir de “A forma e o sentido na linguagem”, um outro enfoque de Benveniste é agregado à pesquisa: a da significação. Por meio dela, somos apresentados a relações estabelecidas entre estruturas importantes para a compreensão da linguagem e dos fenômenos que se realizam por meio dela. Dando partida à discussão, Benveniste reforça o caráter intrínseco da linguagem de "significar", sublinhando a sua centralidade na experiência humana. O autor propõe que, ao se considerar a amplitude das funções da linguagem, percebemos que sua essência não é constituída apenas da possibilidade de comunicar, mas também de uma condição vital para a existência humana, conforme cita: “Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é

precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar.” (Benveniste, 1989, p. 222).

Como ponto central da discussão, Benveniste introduz os conceitos de “forma” e “sentido” que dão nome ao texto. O sentido, conforme descrito por Benveniste, reside na totalidade da ideia que é percebida de maneira global em uma frase. Esta visão sugere que o sentido é capturado em sua totalidade, não apenas através das palavras individuais, mas pela combinação destas no contexto em que são usadas. Assim, Benveniste enfatiza que a mensagem ou “sentido” a ser transmitido é moldada e delimitada pelas palavras, e seu significado é influenciado pelo contexto específico em que são apresentadas (Benveniste, 1989).

Em contraste, Benveniste concebe a forma como a organização estrutural e o arranjo das palavras em um enunciado. Ela é revelada ao se analisar o enunciado em suas unidades semânticas fundamentais. Nessa visão, a forma é mais sobre a composição e relação entre as palavras do que sobre seu significado intrínseco. Esta perspectiva sugere que a estrutura (ou forma) de uma sentença pode ser discernida ao se examinar sua composição e a relação entre suas palavras constituintes (Benveniste, 1989). Em suma, enquanto o “sentido” de uma frase é percebido de forma holística, captando o significado geral através do arranjo de suas palavras em um contexto específico, a “forma” se refere à disposição e organização destas palavras.

Com essa noção de interação dinâmica estabelecida entre forma e sentido, Benveniste avança em sua análise ao introduzir conceitos fundamentais que norteiam dois modos de ser língua: o semiótico e o semântico. Primeiramente, no que concerne ao domínio semiótico, Benveniste o estabelece como a esfera que se ocupa da organização dos signos baseada em critérios de significação. Em sua essência, cada signo, dentro deste repertório semiótico, possui um conceito, aludindo a ideias abstratas e genéricas. Para Benveniste, “Dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que o signo é a unidade semiótica.” (Benveniste, 1989, p. 224). Tal perspectiva é evidenciada quando o autor menciona que estes signos, ao serem mobilizados no discurso, transcendem sua abstração para se tornarem palavras específicas, moldadas pelo contexto circunstancial em que são inseridas.

Por outro lado, o domínio semântico é apresentado como aquele que concerne ao significado intencionado que emerge da combinação desses signos, transformados em palavras e frases. Benveniste ressalta que o sentido de um enunciado se revela por meio de uma

compreensão global, enquanto sua "forma" é revelada pela diferenciação analítica, onde se decompõe até suas menores unidades sem que se perca a significação.

Ora, a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior: este limite é o da significação; não podemos descer abaixo do signo sem perder a significação. A unidade, diremos nós, será a entidade livre, mínima em sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre. (Benveniste, 1989, p. 225)

Deste modo, no contexto do discurso, uma palavra mantém apenas uma parcela do seu valor original enquanto signo. Isso é fundamental para apreender a profundidade e complexidade da comunicação humana, na qual signos genéricos são continuamente reinventados e ressignificados em contextos específicos, como no caso dos homônimos - palavras iguais que possuem significados diferentes, como “manga”, “papel”, “corte”, entre tantas outras.

Prosseguindo na discussão sobre a complexa interação entre forma e sentido, Benveniste aborda a sintagmatização. Na sua visão, ela não é meramente uma sequência de palavras, mas um processo dinâmico que constrói sentido através da interação entre palavras em contextos específicos, o que é fundamental para determinar o sentido de uma frase.

Para aprofundar, Benveniste também sugere que a natureza relacional e situacional do sentido em uma frase é influenciada não apenas pelo agenciamento sintagmático das palavras, mas também por seu contexto de referência. Ele postula que o sentido de uma frase se origina da totalidade da ideia, percebida por uma compreensão global. Assim, enquanto o sentido emergente é moldado pela configuração sintagmática das palavras na frase, ele também é influenciado pela situação comunicativa e pelo contexto em que a frase é empregada. De acordo com o autor:

O sentido da frase é de fato a *idéia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada (Benveniste, 1989, p. 230).

Ao examinar as palavras de Benveniste, somos levados a refletir sobre a distinção entre forma e sentido no discurso. A "forma" é obtida pela análise da estrutura da frase, enquanto o "sentido" é uma construção relacional, derivada do agenciamento sintagmático das palavras e



seu contexto de uso. Esta distinção é vital para entender a flexibilidade e riqueza da linguagem, pois nos mostra que as palavras não carregam significados fixos ou isolados; ao contrário, seus significados são moldados, adaptados e reconfigurados com base em seu agenciamento no discurso e no contexto de referência. Por fim, temos que a ênfase de Benveniste no papel central do contexto e na inter-relação entre forma e sentido oferece entendimentos valiosos sobre a natureza adaptativa e dinâmica da linguagem.

### **3.3 Síntese e encaminhamentos**

Ao pensar no movimento realizado na presente pesquisa, de refletir acerca da relação humano-máquina através de uma perspectiva linguística, logo caminhei em direção aos estudos de Émile Benveniste. Movida, principalmente, pelo interesse em pensar o ato comunicativo que se realizava entre profissional do texto e ChatGPT, vi na perspectiva enunciativa uma forma de deslocar conceitos que, apesar de amplamente debatidos dentro da teoria benvenistiana, não pareciam se conectar em outras pesquisas que continham a figura da IA Generativa como interlocutora em um diálogo.

Após pesquisar de que outras formas a relação de Benveniste era colocada nos estudos contemporâneos da linguística, compreendi que o trajeto de ressignificação da teoria de Benveniste não é incomum, desenhando uma teia de outros trabalhos que, da mesma forma, se utilizam dos fundamentos propostos pelo autor para traçarem sua própria jornada. Conforme nos traz Knack (2018 apud 2020), esse movimento pode ser frequentemente visto através da noção de deslocamento, conceito que enquadra o ato de ressignificação dos fundamentos benvenistianos, comumente realizado por leitores-pesquisadores que buscam explorar determinado fenômeno.

Inserida nesse contexto temático, Knack retrata que “falar de deslocamentos implica justamente falar daquilo que o leitor entende, ou melhor, daquilo que o leitor formula a partir do que entende; falar de deslocamentos implica falar, sobretudo, de efeitos de leitura.” (Knack, 2020, p. 147-148), reforçando que deslocar é receber um convite à reflexão, interpretação e, crucialmente, à reinvenção. A ênfase do texto em encontrar um "itinerário próprio" para ler Benveniste destaca a necessidade de abordagens personalizadas e interpretativas ao seu trabalho.

Tratando de outros autores que realizaram o mesmo percurso de deslocamento, podemos olhar para a pesquisa de Nunes (2011), que de forma muito relevante se utiliza da perspectiva teórica enunciativa buscando contribuir para os estudos sobre tradução, repensando como, sob a ótica benvenistiana, se pode explorar o papel do tradutor e conceber a prática tradutória. De acordo com Nunes (2011), a diferença entre a leitura especializada de um tradutor e a leitura de um falante bilíngue está na forma como os dois leem o texto: enquanto um falante bilíngue lê o produto, ou seja, o enunciado, um tradutor realiza uma leitura especializada do processo de criação da significação do texto original, ou seja, da enunciação.

Em seu trabalho, a autora desloca os conceitos de forma e sentido da enunciação em busca de ferramentas para ilustrar a relevância de uma leitura especializada, ponto tocante inclusive à presente pesquisa, e que retornará na articulação do Capítulo 4. Em todo caso, é interessante observarmos aqui o movimento realizado o qual, muito além da contribuição da autora, demonstrou possível a concepção de um deslocamento semelhante ao que realizamos aqui.

Um outro exemplo de trabalho que evoca e desloca princípios da teoria benvenistiana, e que em muitos pontos carrega semelhanças entre o deslocamento que perseguimos, é o de Volkweis (2020). Através dele, a autora realiza uma extensa pesquisa bibliográfica abordando leitura, escrita e o papel do revisor, culminando na análise da revisão sob a perspectiva enunciativa de Benveniste. Ela conclui que os revisores desempenham um trabalho que é multidisciplinar, onde “o revisor de textos acadêmicos tem um estatuto que difere do até então óbvio; ele é, sim, um revisor que preza pela forma, mas ele é também um leitor incomum, um interlocutor interessado e um mediador de letramento” (Volkweis, 2020, p. 121).

Como leitora-pesquisadora, reconheço que a leitura de Benveniste foi crucial, no caso da pesquisa que aqui se abre, para uma melhor compreensão da forma como os avanços tecnológicos operam no funcionamento de LLMs; não por uma questão propriamente técnica da criação destes sistemas, mas pela possível transição que essa mudança realizará no diálogo estabelecido entre seres humanos e máquinas. Sem conceituarmos enunciação, enunciado, forma, sentido, semiótico e semântico, sintagmatização não seria possível refletirmos, sob um viés enunciativo, a respeito do diálogo que aqui se constrói, para além de criarmos dificuldades na compreensão da relevância de termos máquinas cada vez mais capazes de compreender contextos comunicativos.

Resgatando a visão de Benveniste (1989) de que a enunciação não é um ato isolado, mas sim uma troca que ocorre entre locutor e alocutário, compreendemos que a tecnologia evoca e evocará muitas dessas discussões nos anos que estão por vir, justamente por pontuar discussões sobre a forma e o sentido na nossa própria comunicação. Exemplificá-la e repassá-la para os “seres artificiais”, as máquinas, exige consciência do nosso próprio processo, dos “eus” e “tus” que criamos e referenciamos ao longo do tempo, e que sempre se interligam dentro da teoria enunciativa.

Sabemos que o presente momento de mudança e transição abre oportunidades para todos aqueles que trabalham com conhecimento, em especial aos que se ocupam de estudar fenômenos da linguagem e a forma como, na prática, os humanos interagem com humanos, ou - consequentemente - humanos interagem com máquinas. Apesar de Émile Benveniste jamais ter falado diretamente sobre a segunda instância, compreendemos que seu trabalho deixa diversos fundamentos que carregam em si, potenciais análises e reflexões. De tal forma, agregamos o conceito de deslocamento em nossa própria análise como um instrumento valioso para reinterpretar e adaptar a teoria benvenistiana a novos contextos e desafios, olhando em volta para os estudos que optam por realizar a mesma trajetória, e reafirmando a contínua relevância e adaptabilidade dos estudos das muitas teorias da enunciação.

Assim, no próximo capítulo, buscaremos deslocar os conceitos que foram aqui expostos para o contexto da interação humano-máquina, com o propósito final de explorar o papel do profissional do texto nessa interação.

#### 4 DIÁLOGO HUMANO-MÁQUINA

Quando conduzido de forma estruturada e objetiva, o processo de investigação típico de um estudo teórico-analítico pode esclarecer, comparar e, principalmente, unir ideias que, de início, soam desconexas ao leitor. Considerando o que foi abordado nos capítulos anteriores, fomos capazes de reconstruir uma gama de cenários, teorias e conceitos que auxiliam na compreensão da relevância e dos objetivos do presente trabalho, que tem como principal objetivo explorar a relação enunciativa existente na possibilidade de diálogo entre o profissional do texto, leitor analítico e especializado, e a ferramenta de processamento de textos ChatGPT.

No presente capítulo, tomaremos emprestadas as noções de “deslocamento” da Teoria da Enunciação (Knack, 2020) e de “caminho metodológico” (Flores, 2019) dos estudos de Benveniste, antes mencionadas, para aplicá-las de forma palpável a uma situação interacional estabelecida entre profissional do texto e ChatGPT. O deslocamento será realizado concomitantemente à análise de um exemplo, o da criação conjunta de um resumo acadêmico pela autora (leitora-pesquisadora, no papel de profissional do texto) e a ferramenta ChatGPT.

Compreendemos que, para melhor expor ao leitor uma perspectiva da relação enunciativa entre profissional do texto e ChatGPT, precisamos, para além do deslocamento da teoria, realizar a apresentação de algumas evidências de *como* essa relação se estabelece. Procuramos, assim, tornar o trabalho autoexplicativo, evitando que o leitor precise conhecer ou saber usar a ferramenta para entender, com propriedade, a relevância do estudo. Dentro do mesmo objetivo de aproximação, buscamos apresentar um exemplo que se relaciona com uma “dor” muito presente no universo acadêmico, que advém da elaboração de um resumo acadêmico, questão que ressoa com a experiência vivenciada, inclusive, pela leitora-pesquisadora que a formula.

Com o auxílio de *prints* de tela do próprio site da OpenAI, com o ChatGPT em uso, apresentaremos, de maneira sequencial, como a enunciação pode ser analisada a partir da estrutura de diálogo que nos é apresentada. Por fim, discorreremos sobre a relevância do profissional no ato enunciativo, como locutor e alocutário, propondo mobilizar como a leitura especializada segue se fazendo relevante diante de mais esta evolução tecnológica, iluminando oportunidades que surgem no vasto horizonte deste profissional a partir do desenvolvimento dessa (ChatGPT) e de outras IAs Generativas.

#### 4.1 Deslocamentos: teoria e análise

A ideia para a realização da presente análise nasce a partir de um movimento iniciado pelo artigo "ChatGPT: Um ponto de inflexão para a IA", publicado pela Harvard Business Review (Mollick, 2022). Divulgado cerca de quinze dias após o lançamento da ferramenta ChatGPT ao grande público, o artigo introduz, de forma clara e concisa, muitas das informações necessárias para o entendimento inicial do assunto, qualificando benefícios, desafios e exemplos que a mesma incita. No entanto, apenas ao final da introdução nos é revelada a coautoria das informações apresentadas, conforme denota o autor:

Um IA escreveu o parágrafo anterior. Ela também o revisou ativamente em resposta à minha crítica para melhorar o material. [...] Em testes para verificar se ela poderia facilitar outras partes do meu trabalho como professor, levou segundos para escrever um programa de curso razoável, tarefas de aula, critérios de avaliação e até mesmo anotações de palestras que poderiam ser potencialmente úteis com alguma edição. (Mollick, 2022, Harvard Business Review)<sup>23</sup>

Aqui, o autor evidencia um formato de demonstração de como o processo enunciativo se realiza, coletando trechos do diálogo que ele mesmo estabelece com o ChatGPT para a composição da sua pesquisa. Em nossa análise pretendemos traçar uma trajetória parecida, com a diferença de que deixaremos claro para o leitor quando e onde os conceitos da teoria benvenistiana, expostos na síntese de “O aparelho formal da enunciação” e “A forma e o sentido na linguagem”, são deslocados para o entendimento do diálogo humano-máquina construído empiricamente pelo profissional do texto, a autora desta pesquisa.

Primeiro, é necessária a apreensão de como as duas definições de “enunciação” dadas por Benveniste (1989) e aprofundadas por Flores (2019) em “O aparelho formal da enunciação”, se relacionam com o cenário traçado. A primeira, que aborda a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989, p. 82), e na qual a “ênfase recai sobre o locutor” (Flores, 2019, p. 148), inicialmente pode ser vista como uma via de mão única. Enquanto o profissional do texto possui plenas

---

<sup>23</sup> Tradução minha. Trecho original: “An AI wrote the previous paragraph. It also actively revised it in response to my criticism to improve the material. [...] In tests of whether it could make other parts of my job as a professor easier, it took seconds to write a reasonable course syllabus, class assignments, grading criteria, even lecture notes that could be potentially useful with some editing.” (Mollick, 2022, Harvard Business Review)

capacidades de iniciar o diálogo, no papel de locutor, o ChatGPT, sendo uma máquina, carece da individualidade humana quando utiliza a língua. Assim, podemos argumentar que o ChatGPT inicia sempre na posição de alocutário, pois seu "ato" não é caracterizado por individualidade ou intenção autônoma, mas sim por uma resposta dada à solicitação recebida, ou sugestão pré-configurada, conforme imagem:

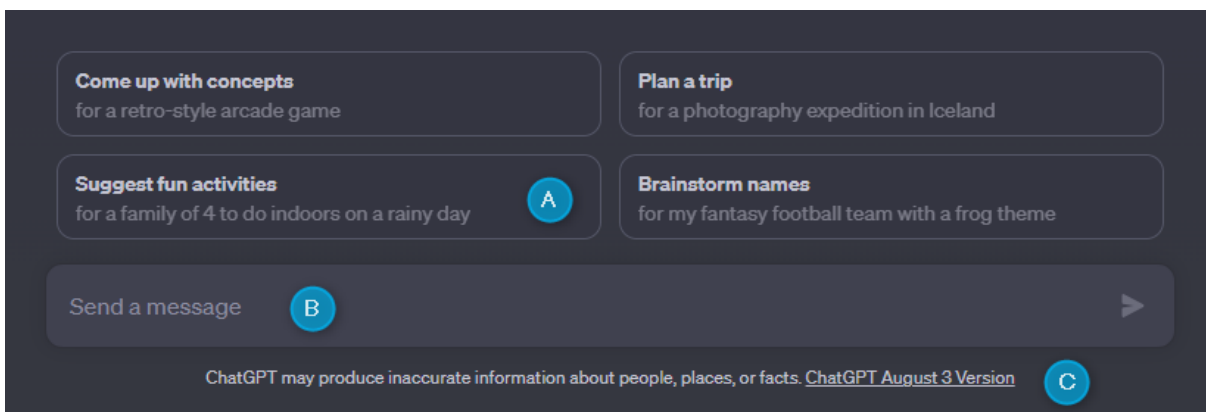


Figura 2 - Fragmento da tela de abertura do ChatGPT. A imagem contém 5 blocos de informação, quatro menores, acima, com opções que variam desde “conceitos”, “planejamento”, “sugestões” até “brainstorm”, e um maior, abaixo, onde o usuário dispõe de um campo aberto para escrita. Fonte: acervo pessoal da autora.

Na Figura 2, respectivamente: (A) apresenta sugestões de solicitações que podem ser feitas à ferramenta, como “Sugira atividades divertidas para uma família de 4 pessoas fazerem dentro de casa em um dia chuvoso.”; (B) oferta uma caixa de diálogo para solicitação do usuário, onde lemos “Mande uma mensagem”; (C) informa, “O ChatGPT pode produzir informações imprecisas sobre pessoas, lugares ou fatos. Versão atualizada em 3 de Agosto.” (OpenAI, 2023, traduções minhas).

A partir da figura também constatamos que, por padrão, o ChatGPT é disponibilizado apenas em língua inglesa, sua língua nativa. É somente a partir do recebimento da primeira mensagem que a ferramenta, no papel de alocutária, adequa sua comunicação para o idioma do enunciado recebido. Dessa forma, também não existem configurações prévias ao seu uso.

No entanto, ao considerarmos a segunda definição dada por Benveniste, que coloca a “enunciação” como a “*acentuação da relação discursiva com o parceiro*” (Benveniste, 1989, p. 87, grifos do autor), podemos vislumbrar o ChatGPT também como interlocutor. Mesmo sendo uma entidade artificial, a ferramenta estabelece uma relação discursiva com seu alocutário

humano, respondendo à solicitação e, por meio dela, simulando o que podemos conceber como uma estrutura de diálogo. Essa estrutura é caracterizada por uma relação discursiva, fazendo do ChatGPT, por vezes, um interlocutor no processo de enunciação.

Assim, passamos a entender também o grau de participação e autenticidade do ChatGPT no processo de enunciação. Enquanto seu ato enunciativo não pode ser considerado "individual" no sentido humano tradicional, por partir de uma programação de dados que lhe é contribuída, é inegável que, a partir do diálogo estabelecido em linguagem natural com o usuário, o ChatGPT participa ativamente da relação discursiva, no papel também de locutor. Deste modo, observamos a enunciação em duas instâncias relacionadas: o humano (homem-máquina), marcado por sua individualidade e consciência, e o artificial (máquina-homem), programado para uma troca de conceitos e sentidos que caracteriza a relação discursiva de um diálogo.

Como amparo para a análise do deslocamento da enunciação, retomamos também o conceito de “caminho metodológico para a análise da enunciação”, anteriormente citado como parte do quadro formal da enunciação (ver seção 3.1, p. 35). Conforme discutido por Flores em sua síntese sobre o “O aparelho”, o roteiro considera “primeiro descrever o ato, após, a situação em que esse ato se dá e, finalmente, os recursos linguísticos, os instrumentos, que permitem realizar o ato” (Flores, 2019, p. 156).

O "ato", inicialmente, é a relação de interlocução criada entre o “eu” (profissional do texto) e o “tu” (ChatGPT). O movimento aqui estabelecido simula uma estrutura de diálogo, que caracteriza inicialmente a ida do “eu” (profissional) em direção ao “tu” (ferramenta), vide Figura 3:



Figura 3 – Na imagem, há 2 blocos de informações principais: primeiro, no topo, dispõe de um perfil de uma profissional do texto, que diz “Olá!”. Segundo, na parte inferior, há uma resposta da ferramenta ChatGPT, com os dizeres “Olá! Como posso ajudar você hoje?”. Fonte: acervo pessoal da autora.

A "situação", conforme sintetizada anteriormente por Benveniste (1989), refere-se ao contexto particular de uma enunciação, sendo a utilização da linguagem em uma "determinada relação com o mundo" (Benveniste, 1989, p. 84). Podemos intuir, no contexto do presente trabalho, que a relação com o mundo que exploramos parte da necessidade de elaboração do resumo acadêmico, que nada mais é do que um elemento pré-textual obrigatório de publicações científicas e acadêmicas que condensa o estudo realizado. Assim, no contexto das IAs Generativas, a situação pode ser compreendida como a motivação para a realização de uma solicitação ao ChatGPT, como exemplificado na Figura 4:

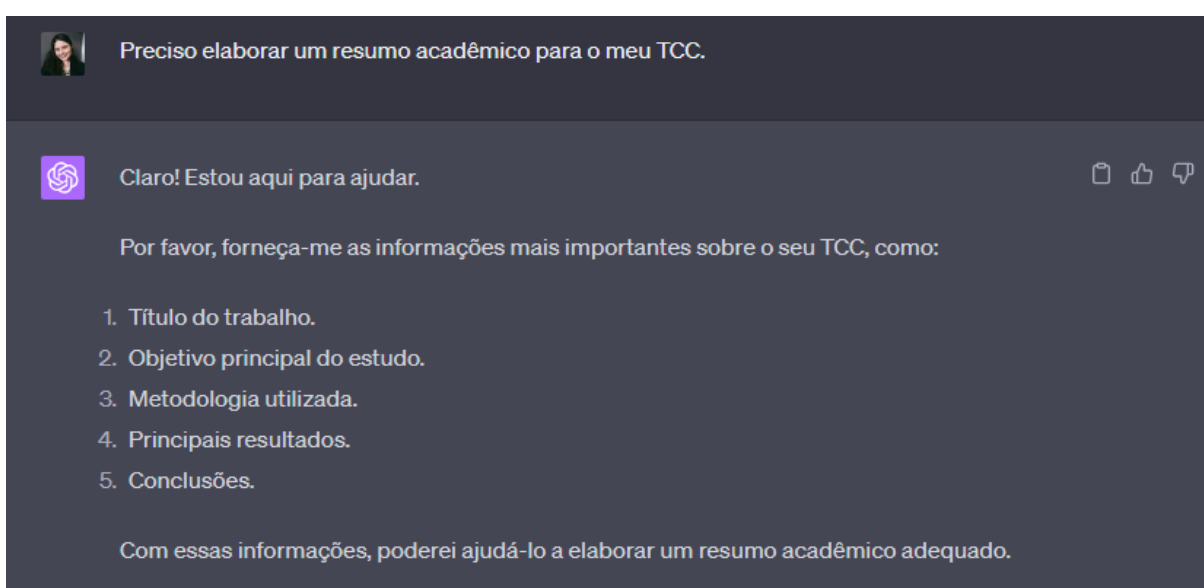


Figura 4 – A realização de uma solicitação ao ChatGPT. A imagem é uma continuação do diálogo iniciado anteriormente. Agora, o profissional do texto solicita ajuda na elaboração de um resumo acadêmico para o seu TCC, ao passo que a ferramenta ChatGPT devolve o enunciado com a solicitação de informações essenciais para que a demanda seja atendida. Fonte: acervo pessoal da autora.

Os “instrumentos”, por sua vez, dizem respeito ao modo como nos apropriamos de índices específicos de pessoa, tempo e espaço, e também ao modo como mobilizamos, por exemplo, as funções de asserção, intimação e interrogação. Benveniste (1989, p. 84) enfatiza a enunciação como "um processo de apropriação" da língua. No contexto do ChatGPT, isso pode ser observado na forma como o profissional do texto adapta e modela sua linguagem para obter respostas mais precisas ou claras: o profissional instancia-se como pessoa “eu”, formalmente registrada em primeira pessoa do singular, e se manifesta via asserção. Ao se apropriar do sistema formal da língua, este profissional, mediante diálogo estabelecido com o ChatGPT, faz



uso de índices específicos (a categoria de pessoa, no caso em destaque), ajustando-se e refinando-se com base nas respostas recebidas, numa dança constante de resposta e adaptação.

Assim, os instrumentos não são meramente as palavras ou frases inseridas; são também os métodos de formulação de perguntas, a sequência das interações, a escolha dos temas e até mesmo a previsibilidade das respostas, fator calculado de forma técnica e invisível pelo *corpus* de dados do GPT. Por conta da arquitetura *Transformer* (ver p. 26) da ferramenta, cada enunciado realizado é único, e pertence ao contexto e sintagma em que é inserido.

Sabendo que uma simples alteração como a de um ponto final na consulta altera o sentido do enunciado de resposta, entendemos que existem muitos instrumentos, quase todos sutis, que auxiliam na construção e interpretação de um enunciado, evidenciando as nuances que se criam na enunciação entre humanos e Inteligências Artificiais, antes vistas como meramente programáticas ou funcionais.

De acordo com o observado na Figura 4, em resposta à solicitação da elaboração do resumo, a ferramenta devolve a consulta mediante a criação de um novo enunciado. Essa devolução consiste no processamento da linguagem utilizada no enunciado do profissional, na comunicação entre a base de dados do GPT e o resultado matemático desse processamento, e a criação de um enunciado de retorno que leve em consideração, de forma probabilística, a inferência dos *instrumentos* necessários para o sucesso do enunciado retornado. Neste momento, levantamos três pontos pertinentes para nossa análise:

- A. A ferramenta (ChatGPT) como “eu” em relação ao (profissional) “tu”, que suscita na organização de um novo enunciado;
- B. A construção sintagmática do diálogo;
- C. E a importância do profissional do texto nas diferentes etapas de criação, como aquele que guia a solicitação e define o seu sucesso.

Quando consideramos a interação entre usuário e ChatGPT, o ponto A nos remete diretamente à postulação de Benveniste, que afirma que “Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que *suscita uma outra enunciação de retorno*” (Benveniste, 1989, p. 84, Grifos nossos). Aplicando este conceito ao ambiente de uso do ChatGPT, a "instância de discurso" pode ser entendida como a solicitação do usuário – uma pergunta ou afirmação, as funções de

que fala Benveniste em “O aparelho formal da enunciação” – que, uma vez inserida, aguarda uma resposta da ferramenta, e que faz com que a cada resposta “constitua um centro de referência interno.” (Benveniste, 1989, p. 84).

Um ótimo exemplo de como o sistema de referências da instância de discurso de Benveniste funciona, pode ser encontrado na figura abaixo, onde a leitora-pesquisadora, na qualidade de profissional do texto, enuncia, via função de interrogação, a partir de uma referência direta ao enunciado do ChatGPT, e a ferramenta compreende o sentido do que lhe foi solicitado:

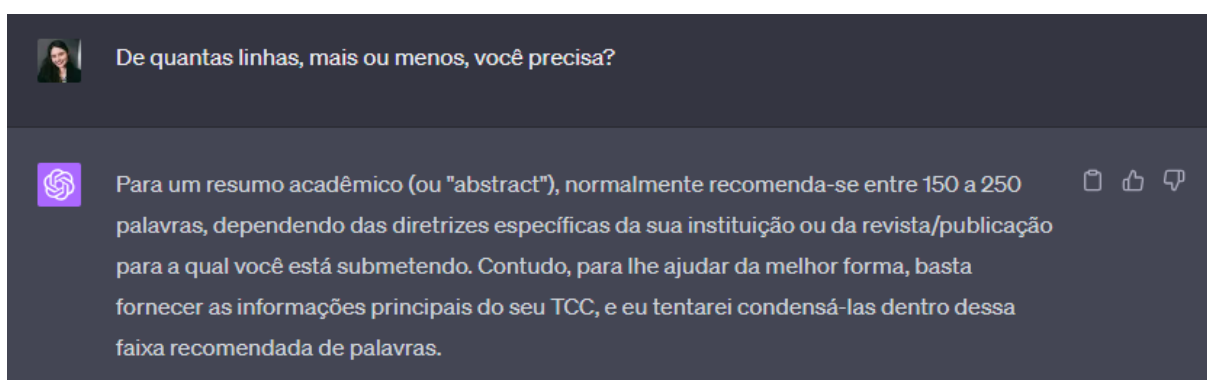


Figura 5 – ChatGPT compreende referência ao diálogo sobre criação do resumo. Ainda dialogando com a ferramenta, o profissional do texto questiona ao ChatGPT quantas linhas precisaria para realizar a tarefa, ao passo que a ferramenta sugere entre 150 a 250 palavras, dentre outras informações. Fonte: acervo pessoal da autora.

Para a Enunciação de Benveniste, a interrogação desempenha um papel importante na comunicação, pois é uma forma de influenciar o comportamento do interlocutor. Através dela, o locutor busca obter uma resposta do outro, estabelecendo assim um processo de interação comunicativa. As formas linguísticas utilizadas na interrogação, como partículas, pronomes, sequências e entonação, derivam desse aspecto da enunciação. (Benveniste, 1989). Assim como na enunciação, as solicitações (*prompts*) utilizados em ferramentas de IA Generativa, como o ChatGPT, buscam estabelecer uma interação comunicativa entre o usuário e a IA. No entanto, há aqui uma noção imperativa de compreensão do lado da ferramenta, que dispensa o uso de interrogações para evocar um retorno: por si só, a inteligência compreende que toda e qualquer solicitação feita busca um retorno, fazendo com que neste contexto a interrogação seja processada como um complemento do sentido, não como influenciadora da sua realização.

Adentrando o ponto B, que trata da construção sintagmática do diálogo, movimentamos os conceitos estudados em “A forma e o sentido na linguagem” (Benveniste, 1989), que ilustram muito bem de que modo a consulta feita tem, ou não, maior chance de sucesso. Como já abordado na seção 3.2 do presente trabalho (ver p. 39), Benveniste concebe a “forma” como a organização estrutural e o arranjo das palavras em um enunciado, enquanto o “sentido” reside na totalidade da ideia que é percebida de maneira global na frase (Benveniste, 1989). Na interação entre o profissional do texto e o ChatGPT, a relação de "forma" e "sentido" é crucial, tanto na locução quanto na interlocução dos enunciados, pelo agenciamento de um conjunto cada vez mais único de circunstâncias. Conforme menciona Benveniste:

O sentido da frase é de fato a idéia que ela exprime. Este sentido se realiza fundamentalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. (Benveniste, 1989, p. 230).

Dada a importância da organização sintática e da escolha de palavras, a construção de uma solicitação ambígua ou mal articulada pode levar a IA a gerar respostas que podem não se alinhar ao sentido proposto originalmente pelo profissional. Assim, cabe a ele o papel de “guardião do sentido”, responsável pelo agenciamento não somente do sintagma em questão, mas de todo o direcionamento da ferramenta em seus próximos passos, realizando a leitura dos enunciados, análise, nova enunciação e eventual pós-edição do produto final, em um ciclo que é mediado em muito por suas competência como especialista em linguagem.

Assim, o sentido é continuamente composto durante o diálogo movimentado pela construção de referência dos enunciados, e culminará em uma primeira versão do resumo. Este movimento ocorre muito pelo modo como a ferramenta compreende a linguagem, que realiza um movimento de sintagmatização semelhante ao comentado por Benveniste, que atualiza linguisticamente o pensamento do locutor (Benveniste, 1989). Tratando deste processo de sintagmatização dos enunciados, que constrói sentido através da interação dinâmica entre palavras e contextos, Flores complementa que “A enunciação só pode ser estudada no emprego da língua, logo não se limita ao estudo do emprego das formas.” (Flores, 2019, p. 152). Ou seja, “é a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (Benveniste, 1989, p. 83).

Aqui, também alinhamos a sintagmatização da ferramenta à visão de Benveniste em “A forma e o sentido na Linguagem”, que denota que “A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece.” (Benveniste, 1989, p. 231). Assim como na visão dos autores citados, a enunciação da máquina também possui “limitações” associadas à efemeridade de suas respostas. À parte de questões relacionadas à segurança e expiração dos dados, que envolvem pontos irrelevantes aqui, lembramos que o conjunto de sentidos que é agregado durante todo o diálogo fica associado sempre à sessão de conversa em que ele é realizado. É como se a cada conversa iniciada, o ChatGPT adentrasse uma nova jornada em busca do sentido que culmina na geração do texto, e pela ausência de parâmetros que o impeçam de “mentir” – ou seja – de informar que aquela referência é ou não real, é muito possível que diálogos como o da Figura 6 se realizem:

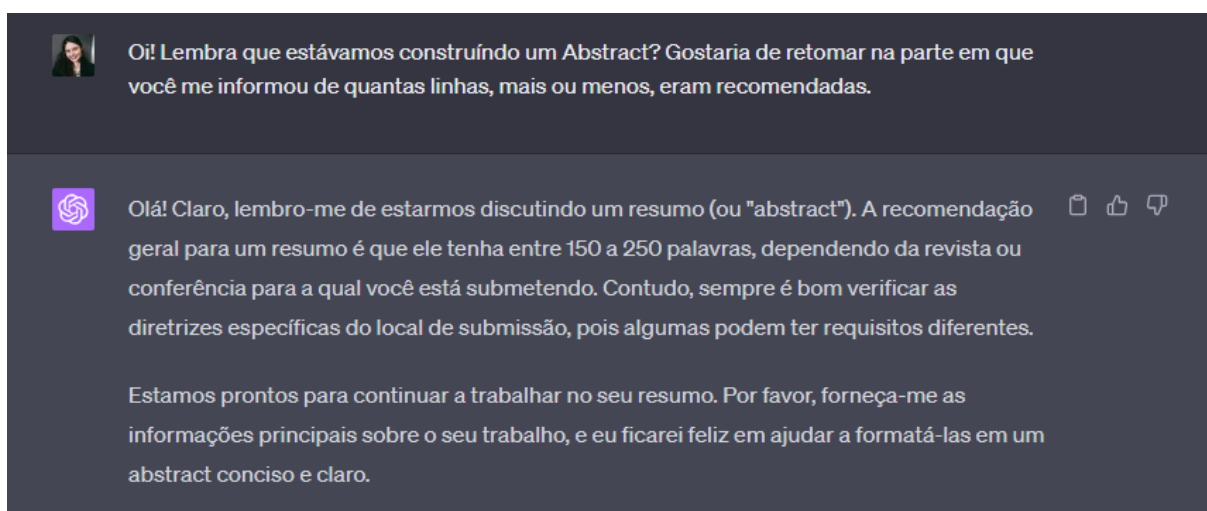
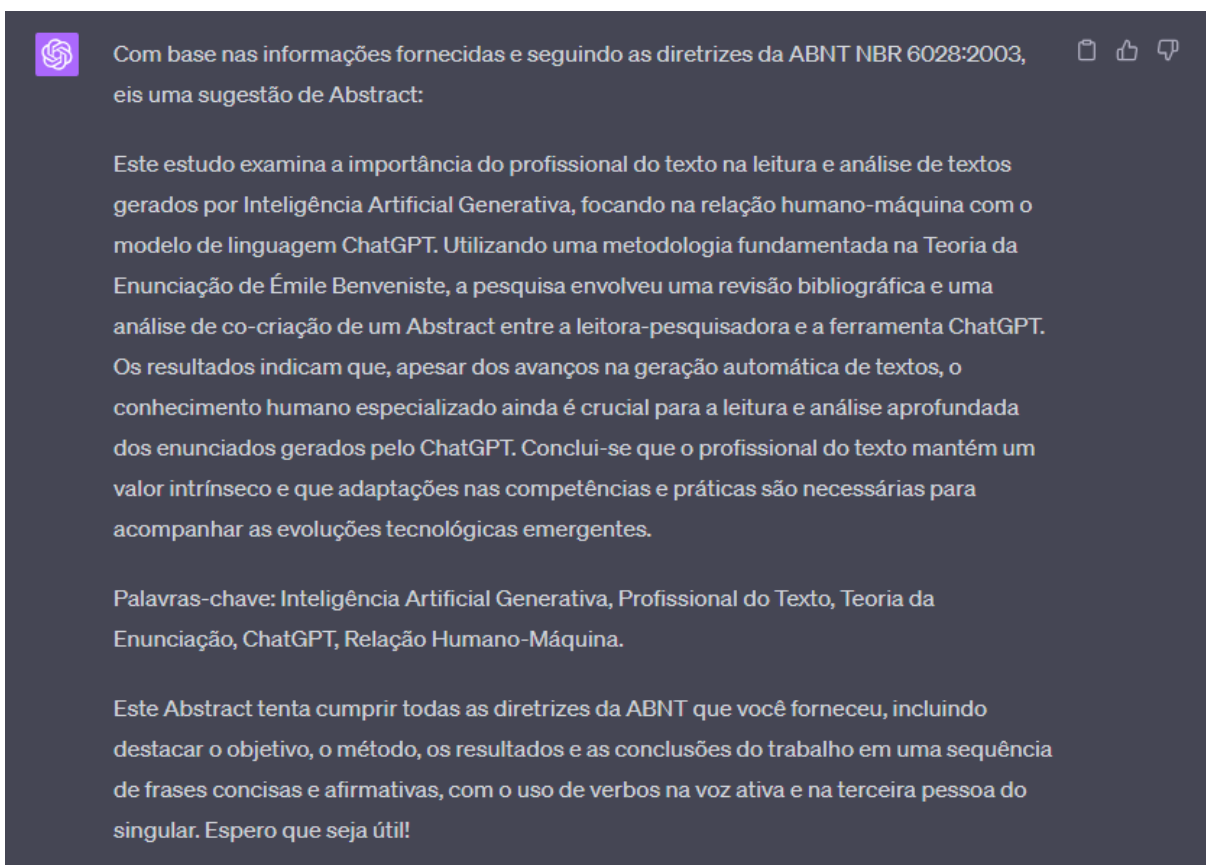


Figura 6 – Iniciando um diálogo com o ChatGPT referenciando um contexto inexistente. Na imagem, a figura profissional do texto tenta retomar o diálogo iniciado anteriormente, perguntando se a ferramenta tem lembrança do que haviam discutido. A resposta da ferramenta é afirmativa, destacando os pontos ainda em aberto que seriam necessários para que o ChatGPT fornecesse um resultado mais satisfatório. Fonte: acervo pessoal da autora.

No diálogo ilustrado pela Figura acima, apenas para fins ilustrativos, iniciamos uma nova sessão de conversa, à parte da que está em curso, retomando a solicitação anterior, que fazia parte do conjunto de referências internas de um discurso que já não existia. É interessante vermos que apenas partindo do contexto das informações dadas - diferente da Figura 5, onde a construção sintagmática estava em andamento - a ferramenta gera e reconstrói suas referências

para devolver em seu enunciado um falso reconhecimento do sentido. Aqui, notamos uma aproximação cada vez maior da reprodução de um ato enunciativo humano – que apesar de agregar sentidos de forma extraordinária, ainda carece de uma “consciência” que reflita com profundidade sobre o contexto de suas respostas.

Retomando a solicitação de criação do resumo (Figura 7, abaixo), partimos para a adição não somente dos dados solicitados pela ferramenta no enunciado anterior, mas também de diretrizes que constituem o resumo acadêmico preterido. Sabendo que a produção envolve normas específicas para sua publicação, o profissional agencia em sua solicitação, como escolha editorial, as instruções contidas no “Manual de normalização de trabalhos acadêmicos” da Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS, referência no tópico. Nesta etapa, são fornecidas as instruções contidas no Manual a respeito do resumo em língua vernácula (que também se aplicam à língua estrangeira), para além das informações solicitadas pela ferramenta acerca de título, objetivo, metodologia, principais resultados e conclusões:



Com base nas informações fornecidas e seguindo as diretrizes da ABNT NBR 6028:2003, eis uma sugestão de Abstract:

Este estudo examina a importância do profissional do texto na leitura e análise de textos gerados por Inteligência Artificial Generativa, focando na relação humano-máquina com o modelo de linguagem ChatGPT. Utilizando uma metodologia fundamentada na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a pesquisa envolveu uma revisão bibliográfica e uma análise de co-criação de um Abstract entre a leitora-pesquisadora e a ferramenta ChatGPT. Os resultados indicam que, apesar dos avanços na geração automática de textos, o conhecimento humano especializado ainda é crucial para a leitura e análise aprofundada dos enunciados gerados pelo ChatGPT. Conclui-se que o profissional do texto mantém um valor intrínseco e que adaptações nas competências e práticas são necessárias para acompanhar as evoluções tecnológicas emergentes.

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa, Profissional do Texto, Teoria da Enunciação, ChatGPT, Relação Humano-Máquina.

Este Abstract tenta cumprir todas as diretrizes da ABNT que você forneceu, incluindo destacar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do trabalho em uma sequência de frases concisas e afirmativas, com o uso de verbos na voz ativa e na terceira pessoa do singular. Espero que seja útil!

Figura 7 – Resultado do agenciamento especializado. Na imagem, o ChatGPT: devolve ao profissional do texto o resultado do processamento das informações e diretrizes utilizadas para o desenvolvimento do resumo.

Fonte: acervo pessoal da autora.

Chegamos, por fim, à realização do ponto C, que trata da importância do profissional do texto nas diferentes etapas de criação, no papel daquele que guia a solicitação e define o seu sucesso. Diante da elaboração automatizada do resumo e do retorno da ferramenta existem, portanto, escolhas que se apresentam ao profissional do texto: a primeira, e menos comum, concerne ao uso do produto criado pela ferramenta sem alterações posteriores, o que possivelmente envolve a conclusão de que o sentido atribuído na interlocução realizada até esta etapa foi suficiente para a construção de um “texto final”; a segunda, e a que consideramos mais comum, trataria de prosseguir com a troca de enunciados e constituição de cada vez mais referências internas e sentidos, a fim de desenvolver ainda mais o texto construído por meio de novas solicitações; por último, há a opção de extração do texto da ferramenta e interrupção do diálogo para o seguimento do processo de pós-edição em uma ferramenta alternativa, que colocaria o ChatGPT na posição de organizador e mediador do sentido.

A respeito do tradutor, Nunes propõe que “A leitura do tradutor é, pois, a leitura do sentido, e, mais ainda, é a leitura da formação desse sentido” (Nunes, 2011, p. 24). Sua visão reitera a nossa, que abarca o profissional do texto como o “guardião do sentido”, responsável pela leitura, análise e intervenção especializada que propomos na análise acima. Em nossa visão, o resumo produzido se aproxima em muito daquilo que se espera de um resumo acadêmico, demonstrando que a capacidade de geração de textos e compreensão da ferramenta se coloca como grande aliada para o profissional que almeja, a partir ou através dela, organizar o sentido de um texto. Contudo, pontuamos que a relação forma-sentido agenciada na solicitação pelo profissional do texto, a escolha das diretrizes do Manual da Biblioteca da UFRGS e a concisão nos dados solicitados (título do trabalho, objetivo principal do estudo, etc.), foram cruciais para a cocriação da ferramenta, que por si só não pode empreender as necessidades expostas no enunciado primeiro. Conforme cita Benveniste, em “A forma e o sentido na linguagem”:

[...] na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constrangendo; em

resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência. (Benveniste, 1989, p. 229).

Assim, concluímos que o profissional do texto segue como o sujeito verdadeiramente pensante no ato enunciativo, e o único capaz de guiar a ferramenta com a inclusão dos *instrumentos* necessários, adequando a *forma* e o *sentido* dos enunciados em que é locutor e alocutário, revisando a sintagmatização e a língua durante todo o processo de escolhas que envolvem a estrutura de diálogo estabelecida entre ele e a ferramenta ChatGPT, estabelecendo uma função mediadora da língua que ultrapassa “o homem e o homem” para adentrar o patamar ainda desconhecido entre o homem e a máquina.

#### 4.2 Horizonte do profissional do texto

Anos antes do lançamento do ChatGPT, ainda em 2019, Ian McEwan – romancista britânico e autor do livro “Máquinas como eu: E gente como vocês” – já levantava a discussão sobre o envolvimento das Inteligências Artificiais na escrita de romances. Quando convidado a refletir sobre a possibilidade de robôs substituírem escritores, durante uma entrevista intitulada “Por que Ian McEwan não vê seu último romance como ficção científica?”, ele comenta:

Quando um robô puder escrever um romance que você não pode dizer que foi escrito por um robô, no qual há toda uma gama de interações humanas, percepção psicológica e compreensão da natureza subjetiva da consciência, então eu diria que estaríamos quase lá e isso seria “o teste” para mim. Quero dizer, teria que ser um bom romance; embora eu aceite que existam muitos romances medíocres escritos por humanos, e nem por isso desafiamos sua humanidade.<sup>24</sup> (McEwan, 2019)

Em seu livro, McEwan retrata uma realidade alternativa em que Alan Turing - considerado o pai da computação - não morre precocemente. Neste universo, os avanços tecnológicos como um todo seguem em um ritmo acelerado, fazendo com que robôs com

---

<sup>24</sup> Tradução minha. Transcrição original: “When a robot could write a novel that you could not tell it was written by a robot, in which it had a whole range of human interactions, psychological insight, understanding of subjective nature of consciousness, then I’d say we were just about there and that would be the acid test for me. It would have to be a good novel, I mean, even though I accept that there are many mediocre novels written by humans, and we don’t challenge their humanity”.

inteligência e aparência semelhantes às dos seres humanos existam ainda na década de 1980. A discussão acerca das semelhanças entre humanos e máquinas é feita, em sua obra, de forma lúdica e singular, mas aqui tomaremos sua perspectiva emprestada para refletir sobre um ponto: quais seriam os novos papéis e desafios para o profissional do texto, dentro do cenário discutido?

Em meio à acelerada evolução tecnológica, profissionais ligados à escrita e ao texto enfrentam desafios renovados. Os Estados Unidos, líder em debates sobre a regulação das IAs e em investigações sobre seus impactos, também enfrenta dilemas práticos e culturais em decorrência desta tecnologia emergente. No epicentro dessas questões, encontra-se o Sindicato dos Atores de Cinema - Federação Americana de Artistas de Televisão e Rádio (SAGA). Diante da crescente adoção de Inteligências Artificiais no universo da escrita e produção cinematográfica, escritores associados à SAGA elevaram suas vozes em protesto, resultando em uma greve sem precedentes (Isidore, 2023). Esta ação ressalta a importância e a singularidade da expressão criativa humana, questionando as implicações éticas e profissionais da substituição de talento humano por IAs. Assim, a greve, além de refletir preocupações laborais convencionais, serve como um poderoso chamado à reflexão sobre o significado da arte e autenticidade na era da automação.

Da mesma forma, funções e trabalhos que não existiam antes, passam a compor a gama de possibilidades a ser acessada por quem exerce profissões associadas ao texto. No mesmo cenário, a introdução das Inteligências Artificiais no âmbito da escrita e da linguagem traz à tona novas possibilidades profissionais, como a de Designer de Prompt, por exemplo, que trata da criação e aprimoramento das solicitações (*prompts*) que são utilizadas para geração de dados via LLMs, já são especuladas pelo mercado como uma das carreiras a serem seguidas pelo especialista em linguagem, afinal, por meio de uma simples solicitação em linguagem simples, praticamente toda e qualquer tarefa criativa pode vir a ser realizada, mas nem toda solicitação carrega os instrumentos necessários para que o objetivo da troca seja atingido.

A concepção destes *prompts*, por exemplo, exige uma combinação singular de competências: desde uma profunda compreensão linguística – para formular solicitações claras e eficazes – até habilidades em psicologia e design de interação, para prever e moldar a maneira como os usuários interagem com a IA, além de conhecimentos estilísticos, estabelecendo um tom de voz a ser replicado pela máquina. Aqui, a máxima “Você não vai perder o emprego para



uma inteligência artificial, mas sim para alguém que usa a inteligência artificial melhor do que você" tornou-se um lema para muitos na área, destacando a imperatividade de adaptação e inovação.

Embora as máquinas possam gerar textos e até simular interações, a sensibilidade cultural, o discernimento ético e a consciência contextual são atributos inerentemente humanos. Por isso, é crucial que profissionais do texto sejam capacitados para garantir que as respostas geradas por IAs sejam apropriadas, sensíveis e não perpetuem vieses. Deste modo, profissões como Curadores de Conteúdo de IA e Especialistas em Ética de IA começam a surgir. Estes especialistas trabalham, respectivamente, na seleção e organização de dados que alimentam as máquinas e na avaliação e implementação de práticas éticas em ambientes digitais. Ambas as funções refletem a necessidade emergente de uma abordagem multidisciplinar, onde a linguagem se entrelaça com a tecnologia e a ética.

Poderíamos argumentar que as transformações profissionais são uma constante em qualquer era ou sociedade. No entanto, essas mudanças não se dão de forma isolada, mas são profundamente influenciadas pelo tecido cultural que envolve uma época. Ainda que seja natural que as profissões evoluam, é imperativo reconhecer que o impacto cultural dessas alterações pode ser mais significativo e duradouro do que as próprias transformações ocupacionais em si. Nesse panorama de evolução e adaptação, a integração de novas tecnologias na educação surge como um ponto crucial. Mais do que simplesmente introduzir ferramentas modernas, é necessário formar indivíduos que sejam críticos e reflexivos sobre estas tecnologias. O letramento digital, nesse contexto, vai além da mera familiarização com ferramentas; implica em compreender as implicações sociais, culturais e éticas do uso da tecnologia.

Enquanto a tecnologia redefine os limites do possível, cabe a esses especialistas garantir que a essência da comunicação humana – em toda sua riqueza, nuance e complexidade – não se perca no processo. O horizonte para esses profissionais, então, é de constante aprendizado, adaptação e inovação, assegurando que a linguagem continue a ser uma expressão autêntica e significativa da experiência humana.

Em suma, a complexidade das profissões relacionadas ao texto são acentuadas quando consideramos a problematização da interação homem-máquina que se pinta. Enquanto o modelo de linguagem pode gerar respostas a partir de dados previamente inseridos, é o

profissional do texto que deve garantir que essa interação seja não apenas precisa, mas também contextualmente relevante, ética e culturalmente sensível. Surge, assim, o desafio para o profissional do texto de equilibrar a eficiência da máquina com a necessidade intrínseca da humanidade por comunicações genuínas e significativas. Portanto, considera-se que seu papel e responsabilidade perante essa dinâmica estará cada vez mais entrelaçado e crucial no panorama da comunicação moderna.

A realidade é que ainda existe um conhecimento limitado acerca do impacto de longo prazo que ferramentas de Inteligência Artificial Generativa, como o ChatGPT, podem exercer no futuro do profissional do texto. Hoje, da perspectiva de quem estuda e trabalha com este tópico, a maior oportunidade está em conectar saberes. A tecnologia é um espaço rico de oportunidades para aqueles que buscam compreender a linguagem humana como ela é em nosso século: digital, acessível e simples. E se para tais funções precisássemos aprender a programar, como muitos argumentam, então programadores haveriam de correr para aprender Saussure. Felizmente, esse não é o caso.

O profissional do texto, conforme abordado, atua de forma especializada, reflete e recria sentido através da linguagem humana. Sistemas como o ChatGPT, por sua vez, se utilizam da linguagem humana para a realização de infinitas tarefas, levando ao pé da letra a máxima de que “todo conhecimento e língua”. A oportunidade de expansão dos limites da nossa atuação está em nossas mãos.

## CONCLUSÃO

Neste estudo, nos propomos a entender como a Teoria da Enunciação perspectiva a atuação do profissional do texto na leitura e análise especializada de textos gerados por Inteligência Artificial Generativa, em um diálogo humano-máquina estabelecido com a ferramenta ChatGPT. No Capítulo 1, levantamos o questionamento acerca da ausência de uma definição unânime de “texto” (Guimarães, 1995), e do conceito de “profissional do texto”, que parece não se basear em formações ou perspectivas teóricas específicas, mas sim nas competências e práticas deste profissional.

Seguindo com exemplos de áreas não convencionais em que este profissional opera, como no caso da Redação UX, elaboramos uma breve jornada histórica das ferramentas de trabalho utilizadas por este profissional, abordando um cenário de crescente automatização do seu trabalho, que ganhou força a partir da década de 1980 com a implementação em massa do computador. Aqui, chamamos a atenção para as transformações que surgiram, primeiro associadas ao ganho de tempo e à qualidade do trabalho (Danielson, 1985), e, posteriormente, aos desafios apresentados pelo progresso tecnológico no lançamento de *softwares* especializados, como no caso dos tradutores automáticos, que por um momento no tempo colocaram em voga a existência de uma competência tradutória humana (Melo, 2013).

No Capítulo 2, oferecemos uma introdução à noção de Inteligência Artificial por meio de um panorama das principais contribuições da área, advindas de autores como Turing (1950) e Russell & Norvig (2016). Sem jamais perder de vista o público-alvo da pesquisa, buscamos a simplificação e adequação de alguns dos conceitos-chave que permeiam as IAs, como na analogia traçada entre a obra “O homem bicentenário” (Asimov, 1976) e o desenvolvimento de ferramentas de IA Generativa, como o ChatGPT. Como encerramento do panorama em que o trabalho se passa, buscamos refletir sobre uma série de possíveis riscos e regulamentações a respeito das IAs que, alinhados à visão crítica proposta sobre as tecnologias pertinentes na atuação do profissional do texto e um breve relato pessoal do evento *SuperBots Experience 2023*, realizado em Agosto de 2023, constituem uma etapa de encantamento e descoberta sobre o tópico (Gartner, 2022).

No Capítulo 3, responsável pela apresentação do referencial teórico da pesquisa, evocamos a perspectiva de Benveniste da Enunciação, aqui apresentada em duas das mais relevantes publicações do autor. A partir de uma síntese de “O aparelho formal da enunciação”

(Benveniste, 1989), almejei definir conceitos importantes como os de enunciação, enunciado, quadro formal de realização da enunciação (ato, situação e instrumentos), relação discursiva com o parceiro e estrutura do diálogo. Contando com a leitura e análise de Flores (2019), também absorvi no trabalho noções cruciais para o entendimento da Teoria da Enunciação. Já, através do texto “A forma e o sentido na linguagem”, parte da mesma coletânea de Benveniste (1989), abordamos conceitos de forma e sentido, semiótico e semântico e referência da frase, tratando a sintagmatização e o sentido como pontos-chaves para a compreensão de um enunciado.

Para consolidar os saberes desenvolvidos ao longo deste estudo, no Capítulo 4 conduzimos uma análise teórico-analítica intermediada pela estruturação de um diálogo entre profissional do texto e ChatGPT, exposto no exemplo de cocriação de um resumo acadêmico. Aqui, procuramos trazer concretude ao deslocamento da teoria de Benveniste, evidenciado pelo uso de *prints* e da revisitação do contexto e das teorias anteriormente discutidas. Como resultado da discussão, apontamos para o potencial que tecnologias emergentes têm em expandir ainda mais os horizontes de atuação desses especialistas.

Tratando da relevância da nossa pesquisa para o campo de estudos linguísticos, temos a realização do deslocamento de Knack (2020) da Teoria da Enunciação baseada em Benveniste para o diálogo humano-máquina analisado, uma reflexão teórico-analítica ainda pouco explorada dentro da teoria benvenistiana. Através de nossa análise, situamos o profissional do texto frente às IAs como sujeito indispensável no processo de criação, leitura e avaliação destas estruturas, destacando, assim, sua essencialidade em assegurar que “forma” e “sentido” estejam em harmonia e adequados ao propósito de uso de ferramentas como o ChatGPT. Corroborando nossa perspectiva, reiteramos a leitura especializada e a competência deste profissional conforme discutido por outros autores, em particular, Nunes (2011) e Volkweis (2020).

Dentro das limitações de nosso estudo, destacamos a dificuldade em ancorarmos nossa pesquisa em meio a um cenário de transformações contínuas, que tornaram as análises e reflexões um constante exercício de atualização. A escassez de materiais em português, aliada à pouca literatura linguística disponível sobre o tema - dada sua novidade -, representou um desafio significativo para nós. Além disso, a abordagem multidisciplinar que adotamos, embora enriquecedora, pode ter nos levado a uma superfície de exploração em alguns pontos, ao invés de um mergulho profundo em particularidades. Assim, mesmo que o Capítulo 4 tenha buscado

fechar algumas dessas lacunas, reconhecemos que o dinamismo tecnológico e a amplitude do trajeto que escolhemos podem ter deixado aspectos essenciais à relação humano-máquina menos explorados do que gostaríamos.

Diante dos caminhos que trilhamos em nossa pesquisa, identificamos também novos horizontes a serem explorados em futuros estudos. A questão do letramento digital acerca das IAs, assim como o papel destas na Educação em todos os seus níveis, emergiu como uma área rica que poderia ser pertinente aos colegas da Licenciatura. Uma pesquisa quantitativa com os profissionais do texto e o uso prático do ChatGPT, da mesma forma, poderia vir a explorar melhor as potencialidades e limitações vislumbradas no dia a dia.

Adicionalmente, percebemos a urgência de estudos sobre o viés cultural do modelo de linguagem, especialmente considerando que o modelo foi treinado com uma quantidade massiva de dados em língua inglesa, tendo em sua própria interface o viés linguístico. Poderia ser igualmente enriquecedor se leitores-pesquisadores de áreas adjacentes, como a Ciência da Computação, realizassem estudos paralelos ao nosso, construindo uma análise mais abrangente do fenômeno – podendo ir muito além da ferramenta ChatGPT, para outras de maior complexidade e capacidade de criação. Com o reconhecimento destes pontos, conseguimos estruturar um trabalho que, efetivamente, aproximou a comunidade de Letras de uma discussão tão contemporânea e essencial, num contexto onde ainda há um profundo encantamento por tais inovações. Nossa pesquisa, por sua vez, teve o propósito de orientar o profissional do texto e os leitores interessados, buscando ajustar expectativas e diminuir incertezas em relação ao uso destas novas ferramentas, sempre enfatizando a insubstituível relevância do papel humano.

Concluo esta jornada, trilhada lado a lado com o leitor, com reflexões persistentes sobre o espaço destinado ao profissional do texto no emergente futuro. A oficina que conduzi na Semana Acadêmica de Letras da UFRGS de Abril de 2023 ressoa em minha memória como um ponto de inflexão, solidificando minha identidade como Linguista e me inserindo em um coletivo mais amplo: um conglomerado de alunos e docentes, leitores-pesquisadores, que, embora atravessados por múltiplas perspectivas teóricas em seus anos de estudo, jamais abandonam o olhar terno e curioso para com a língua, remanescente da infância. Almejo que, por meio desta pesquisa, o leitor tenha experimentado uma sensação semelhante, redescobrendo a época em que vivemos como um período repleto de oportunidades de investigação para todos os campos do saber, com destaque especial àqueles profundamente conectados à linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ASIMOV, Isaac. **O homem bicentenário**. Tradução de Aline Storto Pereira. São Paulo: Editora Aleph, 2023.
- BENVENISTE, Émile. “A forma e o sentido na linguagem” e “O aparelho formal da enunciação”. In **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.
- BOWKER, Lynne. **Computer-Aided Translation Technology**. A Practical Introduction. Didactics of Translation Series. Ottawa: University of Ottawa Press, 2002.
- BROOKER, C. (Criador). (2011-2019). **Black Mirror** [Série de televisão]. Reino Unido: Channel 4; Netflix.
- BROWN, T. B. *et al.* **Language Models are Few-Shot Learners**, 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/2005.14165.pdf>. Acesso em: 05/08/2023.
- CAMERON, J. (Dir.). (1984). **O Exterminador do Futuro** [Filme]. Estados Unidos: Orion Pictures.
- CHING, K. **Tools Matter: Mediated Writing Activity in Alternative Digital Environments**. Written Communication, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0741088318773741>. Acesso em 30/07/2023.
- CHOW, Andrew R. **How ChatGPT Managed to Grow Faster Than TikTok or Instagram**. Time, 8 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://time.com/6253615/chatgpt-fastest-growing>. Acesso em: 05/08/2023.
- COPELAND, B. Jack *et al.* **The Turing Guide**, Oxford University Press City: Great Britain, 2017.
- DANIELSON, W. A. **The Writer and the Computer**. Comput Hum 19, 1985.
- ELOUNDOU, T. *et al.* **GPTs are GPTs: An Early Look at the Labor Market Impact Potential of Large Language Models**. 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2303.10130>. Acesso em: 05/08/2023.
- ESTADÃO. **Casa Branca chama Google e Microsoft para falar sobre inteligência artificial**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/casa-branca-chama-google-e-microsoft-para-falar-so-bre-inteligencia-artificial-npri/>. Acesso em: 08/08/2023.
- ESTADOS UNIDOS. **White House. Fact Sheet: Biden-Harris Administration Announces New Actions to Promote Responsible AI Innovation That Protects Americans’ Rights and**

**Safety.** Disponível em:

<https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/05/04/fact-sheet-biden-harris-administration-announces-new-actions-to-promote-responsible-ai-innovation-that-protects-americans-rights-and-safety/>. Acesso em: 10/08/2023.

FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: Fiorin, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Teoria da Enunciação**. In: Flores, Valdir do Nascimento, Pablo Nunes Ribeiro, Marcos Goldnadel e Márcia Romero. Manual de linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação. Petrópolis: Vozes, p. 145-173, 2019.

GARTNER. **Quais são as novidades em inteligência artificial do Gartner Hype Cycle de 2022**, 15 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.gartner.com.br/pt-br/artigos/novidades-em-inteligencia-artificial-do-gartner-hype-cycle-de-2022>. Acesso em: 05/08/2023.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e enunciação**. Organon, Porto Alegre, Rev. do Inst. Letras/UFRGS, v. 9, n. 23, p. 65, 1995.

HURTADO ALBIR, Amparo. A Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fabio. (Org). **Competência em Tradução: da cognição ao discurso**. Belo Horizonte: Humanitas/ UFMG, 2005.

ISIDORE, Chris. **Inteligência Artificial vira preocupação para atores e escritores; entenda**. 18 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/inteligencia-artificial-vira-preocupacao-para-atores-e-escritores-entenda/>. Acesso em: 28/07/2023.

KNACK, Carolina. **De Benveniste às pesquisas prospectivas: a noção de deslocamento e seu valor teórico-metodológico**. In: Oliveira, Giovane Fernandes; Aresi, Fábio (orgs.). O Universo Benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 141-163, 2020.

LADEIRA, Ana Paula; ALVARENGA, Lídia. **"Processamento de Linguagem Natural: uma revisão."** Linguagem & Tecnologia 10, n. 2 (2010): 135-157.

LEE, Kai-Fu. **Inteligência Artificial: Como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamos, trabalhamos e vivemos**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

- MARTINS, Camila; PILLEGI, Mayara. **Raio-X dos UX Writers Brasileiros 2022**. UX Collective BR (Medium), 2022. Disponível em: <https://brasil.uxdesign.cc/raio-x-dos-ux-writers-brasileiros-2022-fd0b19801c3f>. Acesso em 06/08/2023.
- MCEWAN, Ian. **Machines Like Me: And People Like You**. Random House Large Print, 2019.
- MELO, Sheila. **Tradução automática e competência tradutória: repensando interseções**. Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 87–104, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23060>. Acesso em: 21/07/2023.
- MOLLICK, E. **"ChatGPT Is a Tipping Point for AI"**. Harvard Business School, 2022. Disponível em: <https://hbr.org/2022/12/chatgpt-is-a-tipping-point-for-ai>. Acesso em: 25/08/2023.
- NEW SCIENTIST. **Why Ian McEwan doesn't see his latest novel as science fiction**. Vídeo. YouTube, 17/04/2019. Disponível em: <https://youtu.be/kkktpJSNb2A>. Acesso em: 23/07/2023.
- NORMAN, Don; NIELSEN, Jakob. **The Definition of User Experience (UX)**. Nielsen Norman Group, 2016. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/definition-user-experience/>. Acesso em: 28 de Agosto de 2023.
- NUNES, Paula Á. Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação: notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução. **Tradterm**, n. 18, p. 9-27, 2011.
- OPENAI. **"Using GPT-3 to Generate Creative Text Formats"**. OpenAI GitHub Repository, 18 de novembro de 2022.
- PODMAJERSKY, Torrey. **Redação Estratégica para UX: Aumente engajamento, conversão e retenção com cada palavra**. O'Reilly Media, Inc., 2019.
- RUSSELL, S. J.; NORVIG, P. **Artificial intelligence: a modern approach**. 4th edition, Prentice Hall, 2016.
- SCOTT, R. (Dir.). (1982). **Blade Runner** [Filme]. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures.
- SEGUNDA edição do “Manual de normalização de trabalhos acadêmicos” da Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS, atualizado em 19/07/2023.



STANFORD UNIVERSITY. **Generative AI: Perspectives from Stanford HAI.** Human-Centered Artificial Intelligence, 2023.

TURING, Alan M. **Computing Machinery and Intelligence.** *Mind*, v. 49, p. 44-45, 1950.

VASWANI, Ashish *et al.* Attention is all you need. **Advances in neural information processing systems**, v. 30, 2017.

VOLKWEIS, Felícia Xavier. **O papel do revisor: é preciso pedir ao óbvio que se justifique.** 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, RS-BR, 2020.

WEI, Z., & BEI, G. **Study on the Application of Computer-Aided Translation (CAT) in Translation Teaching.** *Us-China Foreign Language*, p. X, 2016.  
<https://doi.org/10.17265/1539-8080/2016.12.004>.

ZHAO, Wayne Xin *et al.* **A survey of Large Language Models.** 2023, p. 3.  
<https://arxiv.org/pdf/2303.18223.pdf>